

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

Os Discursos de Ódio Contra Pessoas LGBT em Contexto *Online* em Portugal

Catarina da Silva Anes

M

2021



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**OS DISCURSOS DE ÓDIO CONTRA PESSOAS
LGBT EM CONTEXTO *ONLINE* EM
PORTUGAL**

Catarina da Silva Anes

Outubro, 2021

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pela Professora Doutora **Liliana Rodrigues**
(FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

“(...) que seria de nós se não sonhássemos.”

José Saramago

Agradecimentos

O percurso que está, agora, a findar não teria sido possível sem todas as pessoas que, à sua maneira, me marcaram e me ajudaram a tornar melhor a cada dia que passou. Por isso, a todos/as aqueles/as que cruzaram o meu caminho ao longo destes anos e que, direta ou indiretamente, o tornaram mais bonito e especial, o meu muito obrigada!

À Professora Doutora Liliana Rodrigues por ter sido luz num caminho difícil de percorrer, por ter sido a voz da compreensão em tantos momentos complicados, por ser um exemplo de paixão pelo que faz e por ter sempre a palavra certa, muito obrigada. Não me esquecerei de si!

A todas as pessoas que aceitaram participar neste estudo e que o tornaram possível, muito obrigada pela disponibilidade e por toda a partilha. Este trabalho não teria sido possível sem o contributo de cada uma e por tal estou eternamente grata. O meu maior desejo é que a vida vos sorria, sempre!

Às pessoas mais importantes da minha vida, os meus pais e a minha mana, que são a origem de tudo e o refúgio onde sei que posso sempre voltar para esquecer todos os problemas e ser genuinamente feliz. O meu mais sincero obrigada!

À Margarida, à Noemi e à Rita, muito obrigada por terem sido as melhores companheiras nesta aventura, por nunca me terem desamparado, por terem sempre uma palavra amiga e estarem sempre prontas a ajudar.

Aos Minions, aos eternamente descoordenados, por tantas gargalhadas e lágrimas partilhadas, pelas memórias infinitas, por todas as confusões e lapsos. Muito obrigada pelos melhores anos da minha vida. Levo-vos no coração!

Ao *Quetintressa* por ter sido o meu primeiro apoio numa cidade desconhecida, pelo Vladimir, pela *Amy* e pelas memórias que serão sempre lembradas ao som de gargalhadas e de um copo na mão. Fomos tão felizes, obrigada!

À Camels, à Crisca, à Cuco, à Quim e à Tipsss, pela ajuda constante, por me fazerem esquecer o mundo lá fora e por estarem sempre prontas para aceitar qualquer desafio.

À Miroca e ao Chub por nunca me largarem a mão e por estarem presentes, por me permitirem ser quem sou sem qualquer julgamento, por serem uma gargalhada garantida e

por aceitarem o meu amor a(margo) com tanto carinho. Independentemente do futuro sei que ficarão sempre comigo.

À Banshee, a amiga mais amiga, aquela que se tornou não só o meu braço direito mas também os outros membros todos. Obrigada por seres o verdadeiro significado de amizade. Por permitires que o silêncio fosse o nosso melhor entendimento e por acreditares em mim constantemente sem hesitar. Que sushi e sangria estejam sempre presentes porque janeiro é já amanhã!

Resumo

Os meios de comunicação permitem que o que ocorre numa determinada comunidade seja visto, ouvido e sentido noutras comunidades à volta do globo numa questão de segundos (Walters et al., 2020), possibilitando e facilitando a propagação do discurso de ódio homotransfóbico. Este é um problema real com consequências também elas bastante reais (Ștefăniță & Buf, 2021). Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo conhecer as narrativas de pessoas LGBT que foram vítimas de discursos de ódio homotransfóbico em contexto digital/online.

Assim, realizaram-se entrevistas semiestruturadas a 8 pessoas que se identificavam como lésbicas, gays e bissexuais segundo uma metodologia qualitativa utilizando a análise temática de Braun e Clarke (2006). Desta surgiram três temas fulcrais, nomeadamente o (i) percepção sobre o conceito de discurso de ódio; (ii) propagação do discurso de ódio homotransfóbico e (iii) consequências do discurso de ódio homotransfóbico.

Entre as principais conclusões do trabalho percebeu-se que todas as pessoas condicionam as suas vidas, seja no contexto *online* seja no seu dia a dia e encaram estes ataques com bastante raiva, tristeza e incompreensão perante uma sociedade, por vezes iletrada, que propaga ódio sem qualquer tipo de fundamento.

Nesta sequência, a grande maioria das pessoas entrevistadas manifesta elevados níveis de insegurança, ansiedade e medo, não só devido ao discurso de ódio homotransfóbico de que tem sido alvo na *internet* mas também devido a todas as notícias que são veiculadas nas redes sociais que relatam vários casos de pessoas LGBT que foram vítimas de violência extrema, muitas vezes terminando em morte, como um caso recente de um jovem brasileiro, Samuel, que vivia em Espanha e numa noite foi espancado até à morte (Martins, 2021).

Por fim, relativamente aos principais contributos deste trabalho, salienta-se a pertinência deste tema, os discursos de ódio homotransfóbico, cujos números se revelam cada vez mais alarmantes, num contexto tão atual como o contexto *online* no nosso país.

Palavras-chave: LGBT; discurso de ódio homotransfóbico; impactos; contexto *online*

Abstract

The media allow what happens in a given community to be seen, heard and felt in other communities around the globe in a matter of seconds (Walters et al., 2020), enabling and facilitating the spread of homotransphobic hate speech. This is a real problem with very real consequences (Ștefăniță & Buf, 2021). In this sense, this work aims to know the narratives of LGBT people who were victims of homotransphobic hate speech in a digital/*online* context.

Thus, semi-structured interviews were carried out with 8 people who identified themselves as lesbians, gays and bisexuals according to a qualitative methodology using the thematic analysis of Braun and Clarke (2006). From this emerged three key themes, namely (i) perception of the concept of hate speech; (ii) spread of homotransphobic hate speech and (iii) consequences of homotransphobic hate speech.

Among the main conclusions of the work, it was noticed that all people influence their lives, whether *online* or in their daily lives, and face these attacks with a lot of anger, sadness and incomprehension in the face of a society, sometimes illiterate, that propagates hatred without any kind of foundation.

In this sequence, the vast majority of people interviewed express high levels of insecurity, anxiety and fear, not only due to the homotransphobic hate speech that has been targeted on the internet but also due to all the news that are published on social networks that report several cases of LGBT people who have been victims of extreme violence, often ending in death, such as a recent case of a young Brazilian, Samuel, who lived in Spain and was beaten to death in one night (Martins, 2021).

Finally, regarding the main contributions of this work, the pertinence of this theme is highlighted, the homotransphobic hate speeches, whose numbers are increasingly alarming, in a context as current as the *online* context in our country.

Keywords: LGBT; homotransphobic hate speech; impacts; online context

Resumé

Les médias permettent à ce qui se passe dans une communauté donnée d'être vu, entendu et ressenti dans d'autres communautés à travers le monde en quelques secondes (Walters et al., 2020), permettant et facilitant la propagation du discours de haine homotransphobe. Il s'agit d'un problème réel avec des conséquences très réelles (Ștefăniță & Buf, 2021). En ce sens, ce travail vise à connaître les récits des personnes LGBT victimes de discours de haine homotransphobe dans un contexte numérique/en ligne.

Ainsi, des entretiens semi-directifs ont été réalisés auprès de 8 personnes qui se sont identifiées comme lesbiennes, gays et bisexuelles selon une méthodologie qualitative utilisant l'analyse thématique de Braun et Clarke (2006). De là sont ressortis trois thèmes clés, à savoir (i) la perception du concept de discours de haine ; (ii) la propagation du discours de haine homotransphobe et (iii) les conséquences du discours de haine homotransphobe.

Parmi les principales conclusions du travail, il a été remarqué que toutes les personnes influencent leur vie, que ce soit en ligne ou dans leur vie quotidienne, et font face à ces attaques avec beaucoup de colère, de tristesse et d'incompréhension face à une société, parfois illettrée, qui propage la haine sans aucun fondement.

Dans cette séquence, la grande majorité des personnes interrogées expriment des niveaux élevés d'insécurité, d'anxiété et de peur, non seulement en raison du discours de haine homotransphobe qui a été ciblé sur Internet, mais aussi en raison de toutes les nouvelles publiées sur les réseaux sociaux qui rapportent plusieurs cas de personnes LGBT qui ont été victimes de violences extrêmes, se terminant souvent par la mort, comme le cas récent d'un jeune Brésilien, Samuel, qui vivait en Espagne et a été battu à mort en une nuit (Martins, 2021).

Enfin, concernant les principaux apports de ce travail, la pertinence de ce thème est soulignée, les discours de haine homotransphobe, dont les nombres sont de plus en plus alarmants, dans un contexte aussi actuel que le contexte en ligne dans notre pays.

Mots-clés: LGBT ; discours de haine homotransphobe ; incidences ; contexte en ligne

Lista de Abreviaturas Siglas e Acrónimos

Abreviaturas	Significados
cf.	confira
e.g.	por exemplo
et al.	e outros (autores/as)
s.d.	sem data

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento Teórico	3
1.1. A LGBTfobia enquanto processo estigmatizador	3
1.3. Violência homotransfóbica vivenciada pelas pessoas LGBT	5
1.4. Da Liberdade de expressão ao Discurso de Ódio	6
1.5. Contexto <i>Online</i> como meio de propagação do discurso de ódio homotransfóbico 9	
1.6. Impactos do discurso de ódio homotransfóbico.....	12
2. Estudo empírico	14
2.1. Desenho de investigação	14
2.1.1. Questões de Investigação	14
2.1.2. Participantes	14
2.1.3. Instrumento.....	15
2.1.4. Procedimento.....	16
2.2. Pressupostos da Análise de Dados: Análise Temática Construcionista	17
2.2.1. Conceitos Teóricos	17
2.2.1.1. Definições	17
2.2.1.2. Etapas.....	18
3. Análise e Discussão dos Resultados.....	19
3.1. Percepções sobre o conceito de Discurso de Ódio.....	19
3.2. Propagação do discurso de ódio.....	22
3.3. Consequências do discurso de ódio homotransfóbico	25
Conclusão e Reflexões Finais	32
Referências Bibliográficas	35
Anexos.....	43
Anexo 1: Consentimento Informado	43
Anexo 2: Guião de Entrevista.....	45
Anexo 3- Imagem da publicação	48
Anexo 4- Pedido de Colaboração	49
Anexo 5: formulário e link <i>online</i>	51

Índice de Figuras

<i>Figura 1-</i> Percepções sobre o Conceito de Discurso de Ódio	23
<i>Figura 2-</i> Propagação do Discurso de Ódio Homotransfóbico	26
<i>Figura 3-</i> Consequências do Discurso de Ódio Homotransfóbico	31
<i>Figura 4-</i> Mapa Temático	32

Introdução

Em Portugal, no ano de 2019, de todas as ocorrências registadas, cerca de 46% dizia respeito ao insulto ou ameaça verbal ou escrita e 36 denúncias foram classificadas como manifestações de discurso de ódio contra pessoas LGBT (ILGA, 2019). Esta é considerada uma forma de discriminação direta (Crowley, 2013), podendo, por vezes ser propagada de forma discreta e noutras flagrante, contudo é, sempre, considerada grave e merece a devida atenção (Cazelatto & Cardín, 2016). Assim, pode dizer-se que o discurso de ódio estimula uma enorme brutalidade através do preconceito, da discriminação e da não aceitação da diversidade e visa à aversão das pessoas, no caso particular deste estudo, LGBT (Valadares & Almeida, 2018).

A *internet* veio revolucionar o modo como o ser humano se comunica. Graças à sua extrema rapidez e enorme variedade de operações permite ao ser humano externalizar os seus pensamentos, as suas opiniões, os seus sentimentos e as suas escolhas (Da Silva et al., 2011). Com a expansão da *internet* verifica-se o rápido crescimento das redes sociais que abriram o caminho para novas formas de uma comunicação mais eficiente e ágil que permite que o discurso de ódio seja expresso de forma instantânea, muitas vezes anonimamente (Rani et al., 2020).

Posto isto, através da *internet* é possível comunicar ideias, crenças, sentimentos e qualquer outra tipologia de informação em segundos (Chetty & Alathur, 2018). E o anonimato que a mesma oferece, sem esquecer a distância física, o sentimento de pertença a um grupo que propaga o ódio (Citron, 2014) e a parcela mínima de tempo em que o comentário é proferido e propagado (Brown, 2018) são as ferramentas adequadas para tornar o solo fértil e facilitar a propagação do ódio, tornando-o cada vez mais intrusivo, ofensivo e violento (Berecz & Devinat, 2017). A rapidez e imprevisibilidade com que está a evoluir no contexto *online* (Sindoni, 2018) justifica os resultados registados por Keipi et al., (2016) na sua investigação em vários países, nomeadamente os Estados Unidos da América, o Reino Unido, a Alemanha e a Finlândia ao concluir que cerca de 42% das pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 30 anos estão exposta a discurso de ódio *online*.

Por sua vez, vários autores e várias autoras demonstraram nos seus estudos o impacto que o discurso de ódio apresenta tanto numa pessoa como num grupo, impacto este que pode manifestar-se a nível psicológico (Boeckmann & Liew, 2002) dado que o discurso de ódio

ofende, invade e afeta o desenvolvimento pessoal de cada pessoa (Brown, 2015). Mais concretamente, Walters et al. (2017), revelaram que as pessoas LGBT estão sujeitas a elevados níveis de agressões verbais que podem causar danos psicológicos significativos. As pessoas trans, em particular, estão mais propensas a experienciar níveis mais elevados de vulnerabilidade, assumindo maiores proporções no contexto *online*. Este tipo de discurso tem os seus impactos como é possível perceber pelas notícias que diariamente relatam a realidade que estamos a viver e um exemplo recente (agosto 2021) chega do Brasil, noticiado pela revista Quem (2021) que refere que um jovem chamado Lucas se suicidou após receber uma onda de comentários homofóbicos devido a um vídeo que publicou na rede social *Tik Tok* onde simulava beijar um amigo.

Por motivos como os supramencionados, o discurso de ódio homotransfóbico em contexto *online* requer a existência de estudos que o permitam perceber, analisar e prevenir, daí que este trabalho se revele importante neste mesmo tema, pretendendo, assim, abordar, explorar e compreender a violência manifestada através de discursos de ódio homotransfóbico no contexto *online*, bem como os impactos deste tipo de discurso em pessoas LGBT.

Para atingir os objetivos propostos, o trabalho será estruturado em três partes distintas contudo interligadas. Posto isto, na primeira parte será realizado um enquadramento teórico relacionado com o tema e incluirá uma revisão da literatura existente para que seja possível compreender o que os autores têm vindo a desenvolver nos seus estudos e as conclusões que têm sido elaboradas. Na segunda parte será descrito o estudo realizado, procurando perceber os discursos de ódio homotransfóbicos de forma mais aprofundada através da metodologia escolhida, nomeadamente a análise temática de Braun e Clarke (2006). Por fim, na última parte é apresentada uma conclusão de todo o trabalho onde constam as principais conclusões, as limitações e as sugestões para estudos futuros.

1. Enquadramento Teórico

1.1. A LGBTfobia enquanto processo estigmatizador

Muitas vezes, com o intuito de descomplicar, são feitas generalizações que se revelam estereótipos, o que acaba por conduzir à reprodução de preconceitos e posterior discriminação entre sujeitos (Da Silva et al., 2011). No caso dos indivíduos LGBT e no contexto de uma sociedade que é, essencialmente, heteronormativa qualquer um que não preencha o roteiro binário previamente estabelecido e não se consiga enquadrar nos padrões idealizados de masculinidade e feminilidade será condenado à exclusão (Bortolini, 2011). Ainda assim, não só devido a estes marcadores sociais, mas também a outros como a raça, há indivíduos que se tornam mais vulneráveis a esta exclusão e à violência (Feijó & Gomes, 2018).

Tendo em conta o supramencionado, a perceção pela ótica interseccional deste tema é fundamental para compreensão de uma realidade de subordinação e exclusão social bastante complexa e heterogénea. A título de exemplo a violência de cunho homotransfóbica que uma pessoa gay, negra, pobre e que mora na periferia de uma grande cidade é diferente da violência experimentada por uma pessoa gay, branca e de classe média, uma vez que a primeira, além de sofrer por ser homossexual, experiencia, também, outras formas de discriminação por ser negra e pela sua condição social (Feijó & Gomes, 2018).

Também o heterossexismo, que defende a heterossexualidade como a única forma “normal”, “saudável” e “digna” de se vivenciar a sexualidade (Pedra & Dantas, 2016), atua no processo de estigmatização, inferiorização, desumanização e marginalização de quem foge do seu padrão, representando as pessoas LGBT como criaturas grotescas e transgressoras de valores morais, seja a partir de insultos, piadas, representações caricaturais, seja pela linguagem corrente, como os atos discursivos de ódio (Cazelatto & Cardin, 2016), daí que diversos estudos revelem que as pessoas LGBT estão mais vulneráveis a diversos tipos de crimes (Medeiros, 2019).

Assim, de acordo com Valadares e Almeida (2018), a LGBTfobia é uma forma violenta de demonstrar aversão perante aqueles/as que não se enquadram na dita norma definida pela sociedade, ou seja, a cisheteronormatividade. Esta não deve ser considerada recente nem espontânea uma vez que é sustentada pela intolerância propagada através do discurso de ódio, que será abordado posteriormente, prontamente veiculado nos vários meios de convívio, quer pelas práticas culturais religiosas, pelos ditados populares, pelas

brincadeiras quer pelo exercício da liberdade de expressão que será abordado futuramente (Da Silva et al., 2011).

A LGBTfobia é o sentimento, a convicção ou a atitude dirigida contra lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans que inferioriza, hostiliza, discrimina ou violenta essas pessoas devido à sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, pessoas essas que não oferecem qualquer risco à integridade ou existência dos indivíduos e da sociedade. Compreende, em si, a lesbofobia, a homofobia, a bifobia e a transfobia (Ramos & Nicoli, 2016), todas elas caracterizadas pela discriminação e violência contra pessoas LGBT.

De acordo com Ramos e Nicoli (2016), existem dois sistemas de opressão por trás da LGBTfobia, nomeadamente a heteronormatividade e o sexismo. A primeira caracteriza-se pelo conjunto de ideias, crenças e valores que guiam o comportamento sexual e impõe como modelo dominante a heterossexualidade, marginalizando e excluindo as outras como a lesbianidade, a homossexualidade e a bissexualidade. Esta é autoritária uma vez que estabelece uma única sexualidade e promove a desigualdade visto que privilegia um determinado conjunto de pessoas em detrimento de outros (Rich, 2006).

No que diz respeito à segunda ideologia, a sexista, esta sustenta o domínio dos homens sobre as mulheres através de ideias, crenças e valores e estabelecendo regras específicas para cada um/a. Tem por base as diferenças entre ambos não só a nível físico e reprodutivo, mas também no que às capacidades e qualidades racionais e éticas diz respeito. A título de exemplo ao homem compete trabalhar e sustentar a família enquanto à mulher compete tomar conta da casa e dos filhos (Ramos & Nicoli, 2016).

Desta forma, verifica-se uma divisão das responsabilidades familiares, do trabalho e direitos e deveres distintos e recusa qualquer tipo de flexibilização ou partilha de características e funções, bem como a convicção de que as pessoas que nasceram com um pénis devem ser considerados homens e devem portar-se de modo viril e dominante enquanto as pessoas que nasceram com uma vagina devem ser consideradas mulheres e comportar-se de modo frágil e submisso. Assim, este sistema de opressão, interrompe e extermina qualquer processo de formação de identidade que não se submeta integralmente a este binarismo (homem/mulher), assumido como natural perseguindo e proibindo qualquer outro tipo de identidade (Ramos & Nicoli, 2016).

A LGBTfobia é, então, um produto das ideologias heteronormativa e sexista e funda-se na convicção de que a diferença não tem valor, uma indignidade, que deve ser controlada e afastada. Pode manifestar-se de várias formas, mas consiste, sempre, em algum tipo de

violência, seja ela psicológica, verbal, moral ou física e pode ser perpetrada por vários meios, tanto por indivíduos como por instituições (Ramos & Nicoli, 2016).

Pode ser exteriorizada pela atribuição de apelidos depreciativos, piadas e “brincadeiras” que inferiorizam e constroem pessoas LGBT ou então através de discursos de ódio que incitam o tratamento desigual, o desdém, o repúdio intransigente e a violência. Discursos que impedem o desenvolvimento saudável de diferentes identidades, que afetam a autoestima e que produzem na vítima o sentimento de inadequação e de inferioridade, bem como o desejo de isolamento e, muitas vezes, de morte (Ramos & Nicoli, 2016).

1.3. Violência homotransfóbica vivenciada pelas pessoas LGBT

Como referido anteriormente, a violência de carácter homotransfóbico não ocorre de forma homogênea nem universal devido a características de exclusão social como a escolaridade e a raça (Feijó & Gomes, 2018). Assim, é comum que às expressões verbais e morais da violência venha associado uma tentativa de suavizar as mesmas referindo que estas não passavam de uma simples brincadeira inocente ou que decorreriam da liberdade de expressão de cada pessoa. Isto não pode ser permitido se acarreta consigo sofrimento e incitação à eliminação de formas de vida e identidades humanas. Quando o efeito é o de promover a repressão, a humilhação e o isolamento deve-se reconhecer a natureza violenta das palavras (Ramos & Nicoli, 2016).

À parte das agressões verbais, pessoas LGBT sofrem, também, agressões físicas diariamente motivadas pela LGBTfobia enumerada anteriormente. Entre as mais variadas encontram-se os pontapés, os murros, estalos, espancamentos, facadas, tiros, enforcamentos, decapitações e uma infinidade de outros tipos de violência que surgem todos os dias. As pessoas trans, em específico, são psicológica e fisicamente massacradas diariamente, sendo-lhes, inúmeras vezes, negado que sejam tratadas pelo nome que escolheram, com que se identificam e o que se adequa à sua identidade. Muitas delas são mortas precocemente pelo preconceito, intolerância e pelo ódio transfóbico inquestionavelmente infundado e ilegítimo (Ramos & Nicoli, 2016). É, especialmente, em contexto laboral, familiar, escolar e no espaço público que a transfobia encontra o seu palco, permitindo a sua manutenção e (re)produção (Rodrigues et al., 2017).

1.4. Da Liberdade de expressão ao Discurso de Ódio

O discurso de ódio gera alguma divergência relativamente à sua definição, isto porque a linha que o separa da liberdade de expressão é muito ténue e o que para alguns autores e autoras é conteúdo que pode ser considerado como discurso de ódio para outros/as não (MacAvaney et al., 2019). De forma a tentar clarificar e a acentuar esta mesma linha, o exercício da liberdade de expressão não pode ir de encontro aos direitos fundamentais do outro, nem ser utilizada como meio de disseminação de ofensas e insultos (Cardin et al., 2019). A liberdade de expressão permite que cada indivíduo expresse os seus sentimentos sempre que desejar, sem a interferência de ninguém (Van, 2017), porém quando esta for incongruente com os limites ditados para os seus fins e estiver direcionada para violar ou inviabilizar a atividade de direitos de terceiros, estará revestida como um abuso de direito fundamental e de personalidade, que produz efeitos danosos, caracterizando-se como um discurso do ódio (Cazelatto & Cardin, 2017).

É possível perceber que, por várias vezes, as pessoas fazem uso do preceito da liberdade de expressão com o intuito de propagarem discursos de ódio, utilizando-se da prerrogativa do direito à livre manifestação de argumentos (Silva et al., 2020). Questiona-se a mesma quando entra em choque com outros interesses constitucionalmente protegidos, tais como direito à privacidade, igualdade e dignidade humana, proteção da infância e da adolescência (Ferrari, s/d).

A liberdade de expressão mantém os direitos democráticos de uma pessoa ao facilitar a troca de opiniões (Chetty & Alathur, 2018) e sofreu implicações com o contexto *online*, ou seja, com redes sociais como o *Facebook*, o *Twitter* ou o *Instagram*, uma vez que se deu uma expansão da capacidade de alcance da liberdade de expressão enquanto forma de manifestação da opinião a respeito dos mais diversificados temas o que conduziu ao aumento dos conflitos derivados destas mesmas opiniões (Sena, 2019).

Por sua vez, o discurso de ódio trata-se de uma conduta que visa, exclusiva e injustificavelmente, hostilizar e inferiorizar as pessoas de um grupo oprimido através de, por exemplo piadas e brincadeiras. Por ser um ato que, ao ser assimilado e difundido como correto, potencializa a prática da violência contra esse grupo, acarretando inúmeras violações de direitos de quem é afetado, daí que a restrição da livre propagação de pensamentos exija uma especial atenção (Cazelatto & Cardin, 2017).

1.4.1. Discurso de Ódio Homotransfóbico

O discurso de ódio homotransfóbico, ao visar padronizar a sexualidade humana, impondo regras para o seu exercício, legítima, de um lado, as práticas heteronormativas e, de outro, a violência simbólica ou, até mesmo, a violência direta contra pessoas LGBT. Assim, as manifestações de ódio e de repúdio a um determinado público demonstram-se incompatíveis com o respeito da dignidade da pessoa humana, uma vez que tendem a reprovar e a diminuir a autoestima da vítima, bem como as reprimir de participar livremente da vida coletiva (Prado & Junqueira, 2011).

O conteúdo do discurso de ódio é segregacionista, menosprezando, marginalizando e humilhando os indivíduos e grupos com desvalorizações que pretendem acentuar as desigualdades. Verifica-se uma união entre o discurso de ódio e a LGBTfobia no uso do ódio com a finalidade de promover a exclusão e de aumentar as desigualdades da diversidade humana, podendo ser perpetrado no dia a dia como piadas e provocação como se pode observar ao acompanhar os vários órgãos de comunicação social e as inúmeras notícias relatadas contra as pessoas LGBT (Valadares & Almeida, 2018)

Para identificar uma discurso homotransfóbico, esta deve ser analisada com base na motivação a partir de características de pessoas LGBT, dado que mesmo que o ataque seja direcionado a uma única pessoa, quando o fator de motivação do agente for o sentimento homofóbico, isto é, aversão aos papéis culturais atribuídos ao sexo, ao género, à identidade de género e à orientação afetivo-sexual, este ato não será um mero insulto pessoal, mas, sim, um discurso de ódio de cunho homotransfóbico, já que produz efeitos em inúmeras vítimas (Cazelatto & Cardin, 2017). Isto ocorre porque o conteúdo do discurso homotransfóbico, ao ser, pouco a pouco, difundido e assimilado como correto e coerente reforça a intolerância contra a diversidade sexual nos diversos âmbitos institucionais da pessoa tais como a família, a escola e o trabalho, instigando implícita ou explicitamente a violência (Mendes, 2002) na forma de incidentes ou crimes de ódio, potencializando cada vez mais a vulnerabilidade social dos indivíduos LGBTs, motivo pelo qual a sua prática deve ser suscetível de limitações (Cazelatto & Cardin, 2017).

Pode afirmar-se que o discurso de ódio homotransfóbico é um instrumento de exclusão social com uma conduta repressiva, preconceituosa e estigmatizadora, cerceia o pleno exercício da sexualidade humana, na medida em que dificulta ou inviabiliza a vivência do indivíduo LGBT na sociedade (Cazelatto & Cardin, 2017). Um dos direitos das pessoas LGBT mais afetados pelo discurso de ódio homotransfóbico é o direito à vida e o tão comentado “privilegio”, desejado pelas pessoas LGBT, que os heterossexuais insistem em

criticar representa, na verdade, o grito de socorro e ânsia destas em existirem, resistirem e viverem dignamente, no limite, viverem como desejarem (Da Silva et al., 2011).

Posto isto, o discurso de ódio homotransfóbico restringe e ofende o livre exercício da sexualidade humana, infringindo a igualdade entre as pessoas (Dias, 2004), já que a realização integral do ser humano somente ocorre com a preservação de sua dignidade, o que inclui a sua vivência sexual (Dias, 2011). O discurso de ódio homotransfóbico além de ser um ato discursivo vazio de conteúdo moral, afeta a vivência e a diversidade sexual das pessoas LGBT, transformando-as em indivíduos-objetos. Os impactos são tão profundos que violam o exercício digno da pessoa, o qual é um direito fundamental intrinsecamente correlato à autonomia privada e à intimidade (Cazelatto & Cardin, 2017).

O discurso de ódio homotransfóbico, enquanto um instrumento veiculador da LGBTfobia, tem a capacidade de violar direitos como o direito à igualdade, à não discriminação, à dignidade de pessoa humana, à sexualidade e às demais normas que orbitam em torno das pessoas LGBT como a vivência sexual, a identidade sexual, a autonomia sexual, a intimidade e a privacidade sexual, a integridade física e psíquica do corpo, a expressão sexual, a informação sexual livre de discriminações, a vida, a igualdade, a não discriminação e, sobretudo, a dignidade da pessoa humana (Cazelatto & Cardin, 2017) pelo que ao referir que uma pessoa LGBT não se deveria casar, por exemplo, defende-se uma manutenção de uma desigualdade social por meio do discurso (Lemes, 2016).

Com base no preconceito e na perpetuação da desigualdade, os discursos de ódio homotransfóbicos são uma das manifestações direcionadas contra os grupos social, cultural e economicamente marginalizados (Lemes, 2016). Assim para que se considere que existe um discurso de ódio devem estar presentes três elementos, nomeadamente a intolerância a discriminação e a externalidade (Oliveira, 2021). Isto porque, a manifestação do ódio baseia-se na dicotomia do superior (emissor) e do inferior (recetor) e só produz efeitos nocivos quando ultrapassa a esfera do pensamento e é externalizado, alcançando o conhecimento de terceiros (da Silva et al., 2011).

Dado que o discurso de ódio homotransfóbico pode ser considerado um abuso da liberdade de expressão (Valadares & Almeida, 2018), a externalização referida é realizada com a finalidade de privar as pessoas dos seus direitos fundamentais como referido anteriormente (Sarmiento, 2006; Lemes, 2016; Chetty & Alathur, 2018) de discriminar ou inferiorizar (Sarmiento, 2006; Silveira, 2007; Lemes, 2016), insultar, desqualificar, menosprezar e humilhar (Oliveira, 2021), de silenciar, de prejudicar sem qualquer razão e aumentar não só as desigualdades, mas também a marginalização (Da Silva et al., 2011;

Lemes, 2016) privando-as do seu efetivo exercício da cidadania e, assim, empobrecendo o debate público e reforçando estereótipos negativos e irracionais (Sarmiento, 2006).

Posto isto, o discurso de ódio homotransfóbico transcende a simples expressão e alcança certos grupos como o das pessoas LGBT pelo facto de estas não fazerem parte de uma padronização social pautada na heteronormatividade. A liberdade de expressão está presente na marginalização destes grupos, que perdem a visibilidade e a representatividade por serem tratados de uma maneira não humana¹ (Valadares & Almeida, 2018). Destaca-se, ainda, que o discurso de ódio estimula a não aceitação da diferença e da diversidade e silencia vozes do debate democrático causando o empobrecimento da democracia (Ferrari, s/d)

Badaró (2018) aprofunda o conceito de discurso de ódio e utiliza três critérios para explicar o mesmo, sendo eles o conteúdo da mensagem, o uso típico e as consequências. O primeiro tem a capacidade de expressar a antipatia que o opressor tem por uma determinada pessoa ou grupo a que a mesma pertença, a segunda prende-se com o uso do discurso ser realizado de forma a difamar, a promover, a incentivar, propagar e justificar o ódio fundado na intolerância e a atacar e subordinar outras pessoas, inferiorizando-as, ou seja, não reconhece que ambos têm os mesmos direitos (Sena, 2019) e as mesmas características humanas (Lemes, 2016).

De país para país verificam-se distintas leis que incidem no discurso de ódio e tudo o que é necessário para que este ocorra, não importa o país, é um simples *click*, basta partilhar, escrever ou responder a uma mensagem para que de imediato seja posto em prática e visualizado por milhares (Chetty & Alathur, 2018). Logo, a questão fundamental que permeia essa conduta discursiva é a relação entre o pensar, o falar e o agir. Nessa perspetiva, a sua concretização pressupõe a sua publicidade, caso contrário, serão apenas pensamentos, sentimentos e ódio sem o discurso, o que tornaria incabível a sua intervenção por meio de sanções jurídicas ou extrajurídicas (Cazelatto & Cardin, 2017). A reprodução deste tipo de discurso destrói a possibilidade da coexistência de grupos sociais distintos de forma respeitosa, criando uma atmosfera hostil, propícia a formas ainda mais concretas de violência como a física (Oliva, 2015).

1.5. Contexto *Online* como meio de propagação do discurso de ódio homotransfóbico

¹ Não há tentativa de desprezar os animais não humanos.

Se até ao momento em que a *internet* se transforma num fenómeno, os diálogos aconteciam fisicamente, por exemplo numa rua ou na mesa de um bar, confirma-se, agora, que estes se transpuseram para o contexto *online*, permitindo, de forma positiva, uma aproximação entre as pessoas e uma comunicação imediata e fluída (Da Silva, 2011), sendo possível afirmar que trouxeram mudanças substanciais a vários níveis na vida (Andrade & Pischetola, 2016). Contudo verifica-se que, pelo lado negativo, este mesmo contexto *online* propicia a distância física necessária para que ofensas e insultos contra um determinado grupo e/ou individuo sejam destilados por motivos irracionais, devendo-se várias vezes à expressão de ideias ou comportamentos que não são rotulados como “normais” /que fogem da norma social (MacAvaney et al., 2019; Silva et al., 2020).

Os avanços trazidos pela internet e, mais tarde, pelas redes sociais são inegáveis. (Ferrari, s/d) no entanto surgiram novos problemas e outros que já existiam intensificaram-se (Ribeiro & Dos Santos, 2018). Um claro exemplo de um problema intensificado é o discurso de ódio homotransfóbico que ultrapassou a forma falada e tomou novas proporções dado que uma publicação rapidamente ultrapassa fronteiras (Nyman & Provozin, 2019). Assim, este meio virtual em que o leque de opiniões é diverso, mas também partilhado por muitos/as, as pessoas sentem-se livres para expressar o preconceito e o ódio, bem como mostrarem-se violentas (Ribeiro & Dos Santos, 2018) pelo que o mundo digital pode demonstrar-se perturbador e descontrolado, facilitando a difusão de discursos de incitamento ao ódio (Cappi, 2017).

Tendo em conta o supradito as redes sociais possibilitam não só consumir mas também produzir conteúdo e alcançar um maior publico (Andrade & Pischetola, 2016), pelo que se constituem um dos espaços onde o discurso discriminatório, no que concerne às diferentes expressões da sexualidade, representa os valores mais elevados (Silva et al., 2020), e onde o conteúdo é mais agressivo e maldoso (Al-Hassan & Al-Dossari, 2019). Aqui reside uma falsa proteção do anonimato e um consequente sentimento de impunidade, assim os/as utilizadores/as usam-se da máxima da liberdade de expressão para exprimir toda a espécie de comentários desrespeitosos que violam os direitos fundamentais do outro (Ferrari, s/d) beneficiando da distância física entre opressor e oprimido, referida anteriormente, e da possibilidade de anonimato, muitas vezes através de um perfil falso (Andrade & Pischetola, 2016; Berecz & Devinat, 2017; Silva et al., 2020).

Destarte, o discurso de ódio em meios digitais consiste na divulgação de mensagens, vídeos ou fotos que, neste caso, multiplicam a homotransfobia. Além da rapidez com que as mensagens/publicações fluem como referido anteriormente, verifica-se, também, que,

mesmo que sejam eliminadas, as mesmas permanecem no ciberespaço para sempre, o que faz com que o discurso de ódio *online* tenha um impacto diferente devido ao tempo que o ataque pode permanecer e pela sua repercussão (Berecz & Devinat, 2017).

A forma como os meios de comunicação constroem e reportam os fenómenos pode ter bastante influência nas pessoas, moldando opiniões e veiculando a manipulação e/ou a promoção de atitudes. Possuem a capacidade de revelar a informação e imagens de um dado fenómeno ou de grupos com o carácter que entenderem e este pode ser positivo ou negativo, com consequências boas ou más (Araújo, 2014). Um claro exemplo deu-se nas eleições de Jair Bolsonaro em 2018 quando surgiram várias notícias falsas, sendo uma delas sobre a distribuição de um *kit gay* nas escolas (Ker, 2018)

Tendo em conta que o número de mensagens a propagar o discurso de ódio é alarmante, iniciou-se um movimento nas plataformas digitais, incentivado pela campanha *Stop Hate for Profit* (“pare de fazer o ódio lucrar”), para responsabilizar as empresas como a do *Facebook*, com foco principal neste o *Youtube* e o *Twitter* pelo ódio que é difundido nas suas plataformas (Stop Hate For Profit, 2020). Estes tinham critérios específicos para identificar os discursos de ódio, bem como estabelecer mecanismos para evitar anúncios com conteúdo prejudicial (G1, 2020) e que devem priorizar, sempre, as pessoas ao invés do lucro (Stop Hate For Profit, 2020).

Unidas, também, a esta campanha, grandes marcas/empresas como a *Coca Cola* e a *Starbucks* com o objetivo de fazer o *Facebook* alterar as suas políticas relativamente ao discurso de odio, afirmaram retirar a sua publicidade da plataforma, conduzindo, assim, à diminuição das receitas do mesmo (Sic Notícias, 2020). Um ano após o início do movimento é possível afirmar que alguns resultados foram atingidos também devido ao número de pessoas a que chegou como celebridades e patrocinadores. O *Facebook* obteve algumas melhorias mesmo não sendo significativas para uma grande mudança, padrão que não se verificou em plataformas como o *Youtube*, o *Tik Tok* e o *Twitter* (Stop Hate For Profit, 2021).

Recentemente, segundo Cruz (2021), uma grande investigação sobre o *Facebook* foi publicada nos Estados Unidos da América com documentos internos como base onde constava que a grande empresa dirigida por Mark Zuckerberg sabia que estava a causar problemas relacionados com a imagem nos adolescentes e a contribuir para o aumento dos casos de depressão dado que o algoritmo presente estava a ser construído de forma a garantir o lucro em vez da segurança de cada um/a. Além disto, esses documentos revelavam também que a empresa mentia quando afirmava ter registado progressos relativamente aos conteúdos de ódio e de violência.

É possível compreender a gravidade da situação quando há grupos no *Facebook* que estão cheios de *memes* e fotografias, destinando-se, apenas, a disseminar ódio contra pessoas LGBT. As publicações muitas vezes incentivam à violência e descrevem as pessoas LGBT como doentes, pervertidos, antinaturais ou aberrações da natureza, acarretando custos para aqueles que se confrontam com estes ataques (Berecz & Devinat, 2017; Sena, 2019)

1.6. Impactos do discurso de ódio homotransfóbico

Relativamente ao impacto que o discurso de ódio homotransfóbico provoca, este não é o mesmo em todos os momentos dado que depende de vários fatores como as pessoas envolvidas, o contexto, a localização e as circunstâncias, pelo que pode ter um impacto direto ou indireto, no caso de ser direto significa que as vítimas são, de imediato, afetadas pelo conteúdo do discurso e no indireto o dano tende a ser atrasado no sentido em que pode ser perpetrado por alguém que não o seu emissor inicial (Seglow, 2016).

Assim, algumas das consequências do discurso de ódio homotransfóbico revelam-se a nível psicológico, físico e familiar (Valadares & Almeida, 2018). Relativamente ao nível psicológico é possível verificar-se casos de depressão, vergonha, ansiedade, culpa (Cazelatto & Cardin, 2017; Nyman & Provozin, 2019), stress e tristeza (Hubbard, 2020), perda de dignidade (Sena, 2019). De acordo com o Nyman e Provozin (2019) outros efeitos não mencionados na literatura até aqui são os ataques de pânico, a exaustão, desconforto diário, privação do sono e o trauma (Rani et al., 2020)

Segundo Hubbard (2020) dos vários impactos mencionados os mais comuns são a raiva com 76% e a tristeza com 70%, seguidos da ansiedade, do stress, do medo e da depressão com 67%, 62%, 57% e 40% respetivamente. Com valores mais baixos surge a culpa, o isolamento social e a vergonha com 24%, 34% e 38% respetivamente. É também de referir que, ainda de acordo com o mesmo autor, apesar de não ser tao comum muitas pessoas experimentaram pensamentos suicidas e chegaram mesmo a magoar-se e a tentar o suicídio após a vitimização online.

Por sua vez, quanto ao segundo e terceiro níveis surge a violência física, o afastamento da família (Valadares & Almeida, 2018), isolamento social (Hubbard, 2020) impulsionado pelos comportamentos de evitamento (Walters et al., 2020) (Walters et al., 2017; Paterson et al., 2019) o que influencia a qualidade de vida e a forma como a mesma é experienciada (Dick, 2009; Weber, 2008) e da forma como experienciam a mesma (Bell & Perry, 2015). Além dos impactos nos três níveis referidos, importa, também, mencionar

aqueles que estão relacionados com o nível económico, com o trabalho e a educação. As pessoas LGBT que sofreram de discurso de ódio na sua infância/adolescência, manifestam maiores dificuldades em entrar ou permanecer no mercado de trabalho devido à baixa escolaridade forçada pelo abandono escolar (Nyman & Provozin, 2019) e, também, a rejeição que, aliada à falta de programas sociais de acolhimento e à ausência de condições financeiras para o próprio sustento, contribui para a exclusão social. (Cazelatto & Cardin, 2017).

Dos impactos na vida também se verifica que muitas pessoas reduzem o uso de internet com o intuito de diminuir o risco de vitimização, ou seja, nas interações com os outros evitam dar opiniões *online*, partilhar conteúdos e entrar em conversas *online* e, de modo a ter mais controlo nos seus perfis, optam por bloquear várias pessoas, podendo, por vezes apagar as redes sociais (Nyman & Provozin, 2019) limitando, assim, o abuso a que poderiam estar sujeitas (Hubbard, 2020).

Muitas vezes os efeitos diferem, de pessoa para pessoa, na forma como são experienciados uma vez que, pessoas trans, por exemplo, estão mais propensas a sofrer e a vivenciar as várias consequências negativas referidas anteriormente, à exceção da raiva, do que as pessoas cisgénero² além de que o tipo de discurso de ódio homotransfóbico de que são alvo é muito mais violento (Fredriksen-Goldsen et al., 2014). Pelo que este tipo de ódio pode conduzir ao ostracismo social, à violência, a homicídios, à rejeição (Sennott, 2011).

Em suma, dado que com a internet a materialização do discurso de ódio se torna mais real e ganha maior visibilidade, também o potencial do seu dano atinge grandes proporções (Silveira-Barbosa & Rocha, 2019) pelo que tendo em conta autores/as como Hubbard (2020) e Valadares e Almeida (2018) têm vindo a abordar nos seus trabalhos ao longo dos anos, aliado ao rápido crescimento da *internet* e das redes sociais torna-se crucial perceber os custos que o discurso de ódio contra pessoas LGBT têm em Portugal.

²Cisgénero ou Cis são as pessoas que se identificam com o género que está em conformidade com o sexo atribuído à nascença (Stambuk, Milkovic, e Maricic 2019).

2. Estudo empírico

A presente dissertação parte da epistemologia construcionista social uma vez que se procura fazer uma contextualização histórico-social dos acontecimentos ao invés de se procurarem padrões universais e generalizáveis (Burr, 2015).

Com o intuito de alcançar os objetivos do estudo e encontrar uma resposta para as questões de investigação formuladas, optou-se por uma metodologia qualitativa uma vez que esta é voltada para a exploração e o entendimento do significado que indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano (Creswell & Creswell, 2021). Assim, as entrevistas permitem que os/as investigadores/as coloquem ênfase nas experiências e perspectivas pessoais de quem está a ser entrevistado/a e recuperem (Bryman, 2016).

Nesta segunda parte procura-se descrever e explicar todos os procedimentos adotados no método. Pretende-se enumerar e caracterizar os instrumentos, os participantes, detalhar todo o processo de recolha de dados e finalizar com a análise e discussão dos resultados obtidos. Para tal, as pessoas que participaram nesta investigação foram as pessoas LGBT, ou seja, aquelas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais e trans e que foram vítimas de discurso de ódio LGBT na internet.

2.1. Desenho de investigação

2.1.1. Questões de Investigação

As questões de investigação, que são o esqueleto de todo o trabalho, direcionam toda a análise que é elaborada. Posto isto, as questões de investigação do presente trabalho são: (i) Como é que as pessoas LGBT conceptualizam o conceito de discurso de ódio?; (ii) Qual o impacto que o discurso de ódio homotransfóbico tem a nível psicológico? (iii) De que modo o discurso de ódio homotransfóbico conduz a uma transformação do dia a dia das pessoas LGBT quer em contexto *online* quer no dia a dia?

2.1.2. Participantes

No presente trabalho, uma vez que não houve nenhum participante trans, foram entrevistadas 8 pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais. Quatro pessoas

identificaram-se como sendo do género masculino e as outras quatro do género feminino, relativamente à sua orientação sexual três pessoas identificaram-se como bissexuais, três como gays e duas como lésbicas, as idades estão compreendidas entre os 22 e os 29 anos ($M=25,38$ e $DP=2,23$). Quanto à nacionalidade, todas as pessoas são portuguesas e vivem no norte do país à exceção de duas, dado que uma se encontra na área da Grande Lisboa e a outra no Algarve. Para finalizar, relativamente à situação profissional apenas uma é estudante as restantes estão inseridas no mercado de trabalho em diversas áreas como a medicina, as letras, desporto e psicologia. Relativamente ao estado civil todas estão solteiras à exceção de uma que está em união de facto.

De modo a proteger a identidade de cada pessoa elaborou-se um código composto pela inicial do primeiro nome e a inicial do apelido seguidas das datas de nascimento como no seguinte exemplo “LT09121985” no qual o L corresponde ao primeiro nome, o T ao apelido, o 09 ao dia de nascimento, o 12 ao mês e o 1985 ao ano. É de referir que todas as pessoas concordaram em fornecer este código sem que fosse necessário mencionarem o nome ou o apelido.

2.1.3. Instrumento

Como supramencionado o instrumento de recolha de dados utilizado foi um guião de entrevista semiestruturado (cf. anexo 2) pois possui a vantagem de permitir que quem está a realizar a investigação conduza a mesma sendo mais flexível nas questões e, dessa forma, conseguir um enriquecimento dos dados (Braun & Clarke, 2006).

Quanto ao processo de construção do guião, o mesmo foi elaborado após uma pesquisa e aprofundamento sobre os temas abordados, nomeadamente o discurso de ódio homotransfóbico *online* e os seus impactos em pessoas LGBT. Uma boa construção do guião facilitará o processo de resposta às questões de investigação e requer uma particular atenção uma vez que tanto as pessoas entrevistadas como quem está a entrevistar devem ser protegidas e as questões não devem ser mal formuladas pois podem fazer com que alguém, de alguma forma, se sinta mal, constrangido (Rodrigues, 2016)

Desta forma, o guião de entrevista está dividido em três partes, sendo que a primeira parte diz respeito ao consentimento informado que deve ser lido de forma a compreender tudo o que se irá desenrolar, a segunda parte direciona-se para alguns dos dados biográficos de quem está a ser entrevistado/a e a terceira parte é a entrevista propriamente dita. A

primeira pergunta da terceira parte questionava o que cada pessoa entendia por discurso de ódio e tinha o objetivo de perceber se todos estavam familiarizados com o conceito, sendo, portanto, capazes de responder às questões posteriores com o desenrolar da entrevista. A segunda pergunta questionava se a pessoa já se tinha deparado com o discurso de ódio homotransfóbico em contexto *online*, bem como se o mesmo tinha sido dirigido a ela e se possível para partilhar um pouco dos episódios ocorridos. Esta questão permitiria perceber se as pessoas entrevistadas prosseguiriam para as próximas questões, dado que poderia ocorrer alguém preencher o formulário e ter interpretado mal o que era pedido.

As seguintes questões pretendiam perceber de forma mais detalhada o episódio que cada pessoa, individualmente, experienciou ao se deparar com o discurso de ódio, nomeadamente por parte de quem surgiu o mesmo, como vivenciou, que custos considera que teve, tanto para si como para outras pessoas LGBT, o conteúdo partilhado, que pensamentos teve, o que sentiu, se ficou condicionada de alguma forma e se desabafou com alguém. Na finalização da entrevista, foi realizada uma questão sobre os sentimentos ao realizar a entrevista e se houve algum tipo de mau estar ou constrangimento para que pudessemos não acrescentar mais desconforto a pessoas que constituem grupo já historicamente oprimidos

2.1.4. Procedimento

O processo de recolha de dados iniciou-se no dia 23 de setembro de 2021 com uma publicação, acompanhada por uma imagem (cf. Anexo 3) em vários grupos da rede social *Facebook* onde constavam todas as informações pertinentes, acompanhada de um texto (cf. Anexo 4) com tudo explicado de forma mais detalhada, contendo, portanto, esclarecimentos como a minha identificação (e.g. o meu nome, a faculdade a que pertencia e a orientação científica do trabalho), o estudo que estava a desenvolver, a garantia da confidencialidade e anonimato e quais os/as participantes requeridos para avançar para uma próxima etapa, mais concretamente pessoas que se identificassem como lésbicas, gays, bissexuais ou trans.

À parte das informações supramencionadas, na mesma publicação seguia um *link* onde constava o consentimento informado que, mais uma vez, continha todas as informações necessárias acerca do estudo e da entrevista em que iriam participar e a garantia da confidencialidade e anonimato. Neste link, à semelhança do consentimento informado (cf. anexo 1) eram, também, solicitadas outras informações como o contacto (*e-mail* e contacto

telefónico³) e o código anteriormente referido para ser possível, mais tarde, entrar em contacto e agendar o momento das entrevistas (cf. anexo 5).

Tendo em conta a situação que enfrentamos há mais de um ano não foi possível realizar as entrevistas pessoalmente, pelo que foi necessário recorrer à plataforma *Zoom* para a segurança de todas as pessoas envolvidas e tiveram uma duração média de 50 minutos. Após a realização destas seguiu-se a sua transcrição e posterior análise de dados recorrendo à análise temática de Braun e Clarke (2006).

2.2. Pressupostos da Análise de Dados: Análise Temática Construcionista

2.2.1. Conceitos Teóricos

2.2.1.1. Definições

A análise temática, é fundamental para a análise qualitativa pois fornece uma ferramenta bastante útil e flexível e origina um conjunto de dados bastante rico e detalhado. Assim, o objetivo desta é identificar, analisar e relatar temas a partir dos dados qualitativos (Braun & Clarke, 2006).

De forma a compreender todo o seio da análise temática devem ser referidos quatro conceitos centrais enumerados por Braun e Clarke (2006), seguidos de um exemplo com o intuito de clarificar os mesmos. O *corpus* de dados, primeiro conceito enunciado pelas autoras, representa todos os dados que foram recolhidos para a investigação enquanto o conjunto de dados diz respeito, apenas aos dados que estão a ser utilizados na análise em particular. O *item* de dados corresponde a uma parte individual dos dados recolhidos e, por fim, o extrato corresponde, também a uma parte individual dos dados que tenha sido identificado no *item*.

Também o conceito de tema, subtema, código e o mapa temático são importantes na análise temática, uma vez que o tema é responsável por captar padrões, através do conjunto de dados que são importantes para a investigação, representando um certo nível de resposta. Quanto à regra para definir um tema como um tema, esta não existe dado que ele pode ocupar um espaço considerável em alguns itens dos dados e noutros não. Assim, fica ao critério de quem está a elaborar a pesquisa/análise definir o que é um tema desde que mantenha a

³ Este era opcional e apenas seria utilizado caso o contacto através de email não fosse conseguido

flexibilidade. Os subtemas e os códigos estão incluídos no subtema, sendo que o tema capta uma parte importante de um tema, é uma subdivisão e os códigos correspondem a uma particularidade de determinados dados. Para finalizar o mapa temático funciona como uma representação dos conceitos referidos e das suas relações (Braun & Clarke, 2006).

A flexibilidade referida anteriormente é uma das principais características da análise temática porque esta é independente de qualquer teoria e não exige nenhum método de recolha de dados específicos nem nenhum número de participantes (Braun & Clarke, 2006). De acordo com o que as autoras referem, a análise temática, além da flexibilidade, pode ter outras características. Pode ser mais dedutiva ou indutiva, não escondendo a possibilidade de ser ambas (mista), pode ter paradigmas construcionistas ou essencialistas e os temas podem ser mais latentes ou semânticos.

Posto isto, no presente trabalho para a análise temática de dados assumiu-se um paradigma construcionista e é dedutiva uma vez que é feita uma análise mais detalhada de determinados dados (Braun & Clarke, 2006)

2.2.1.2. Etapas

Para elaborar uma boa Análise Temática, Braun e Clarke (2006) definiram seis fases para facilitar a elaboração da mesma. Devido à sua flexibilidade é comum que este processo ande para atrás e para a frente entre as fases, consoante a necessidade de quem está a realizar a análise. Desta forma, a primeira fase é a familiarização com os dados, uma das mais importantes, e consiste em conhecer os dados com que se irá trabalhar. No caso de se terem realizado entrevistas, a transcrição das mesmas facilitará este processo, dado que implica ouvir as mesmas várias vezes, contudo se os dados chegarem até quem está a investigar várias leituras devem ser feitas para que esta familiarização aconteça. Este processo pode ser moroso, mas não deve ser passado à frente por ser crucial para a construção de toda a análise. Aliado à leitura dos dados devem, também, ser registadas as ideias iniciais.

A segunda fase é a produção de códigos iniciais. Estes códigos surgem a partir das ideias iniciais que foram apontadas na primeira fase, levando, desta forma, à codificação dos aspetos mais pertinentes dos dados recolhidos. A terceira fase é a pesquisa de temas, na qual deve ocorrer a combinação dos vários códigos gerados na fase anterior dando origens a possíveis temas. Aqui importa referir que não é a quantidade de vezes que um tema aparece que o define como tal nem todos os dados têm de estar presentes nos temas, pois tal como

referido anteriormente, os temas ficam ao critério de quem está a realizar a investigação (Braun & Clarke, 2006).

A quarta fase é a revisão de temas e aqui os temas são revistos, no sentido de perceber se algum deve ser alterado por, a título de exemplo, não haver dados suficientes para o sustentar, ou dois temas se fundirem em um só e de perceber se estão em conformidade com os dados no sentido em que os dados de um tema serem coerentes entre si e serem distintos dos dados de um outro tema. A pessoa que está a investigar deve estar preparada para ter de refazer a codificação caso o mapa temático não seja consistente e claro. A quinta fase (Braun & Clarke, 2006) é a definição e nomeação dos temas na qual os temas são aperfeiçoados e identificados com um nome. Cada tema deve possuir objetivos claros e, juntamente com os outros temas, devem oferecer um conteúdo que responda às questões de investigação.

A sexta e última fase é a produção do relatório. Aqui o mapa temático está completamente definido e devem ser selecionados os extratos mais importantes e que ilustram a discussão de modo que seja elaborado uma descrição coerente da história presente nos dados, a narrativa de dados (Braun & Clarke, 2006).

3. Análise e Discussão dos Resultados

Nesta parte do trabalho relata-se a análise e discussão dos resultados que surge do paradigma construcionista. Desta forma foi possível apontar três temas com relação entre si, o (i) percepções sobre o conceito de discurso de ódio; (ii) propagação do discurso de ódio; e (iii) consequências do discurso de ódio homotransfóbico. Todos serão abordados de forma mais pormenorizada em seguida.

3.1. Percepções sobre o conceito de Discurso de Ódio

Tal como a análise temática pressupõe, com a transcrição, leitura e releitura das entrevistas algumas ideias iniciais foram surgindo, sendo uma delas a noção que cada pessoa tem do conceito do discurso de ódio, o que dá, portanto, origem ao primeiro tema “percepções sobre o conceito de discurso de ódio”. Com este pretendia perceber-se, antes de compreender

qualquer tipo de impacto provocado pelo mesmo, se as pessoas estavam familiarizadas com o conceito e se conseguiam detetar o mesmo cada vez que lhe era dirigido. A partir dos dados foi possível perceber que todas as pessoas estavam familiarizadas com o conceito pelo que as respostas encontradas não foram muito díspares.

Aqui surgiram quatro códigos, nomeadamente “ameaças”, “ofensas”, “insultos” e “incitação de violência e ódio para com o outro”. Os três primeiros dão origem ao subtema “desvalorização do outro”. A maior parte das pessoas entrevistadas, cinco de forma mais concreta, entendiam que no discurso de ódio havia uma desvalorização da pessoa alvo do mesmo através da sua inferiorização com insultos, ameaças, ofensas e de discriminação. Relativamente ao último código, três pessoas acreditam que o discurso de ódio ocorre através dos ataques gratuitos que instigam a violência e o ódio. Importa referir que uma pessoa definiu os discursos de ódio das duas formas. Estas definições do conceito podem ter alguma relação com a experiência que cada um/a vai vivendo ou assistindo, bem como o meio onde habitam, o contexto em que estão inseridos/as e os espaços que frequentam nas redes sociais (e.g. páginas de ativistas no *Facebook*).

Como forma de ilustração dos códigos “ameaças”, “insultos” e “ofensas” seguem-se alguns exemplos:

“No meu entender o discurso de ódio é quando alguém profere palavras, insultos ou ameaças contra uma pessoa.” (MR09061997)

“No meu ponto de vista, discurso de ódio é quando alguém se expressa através de comentários que inferiorizam, ameaçam, por vezes, atacam e desrespeitam outras pessoas.” (AS15041999)”

“Acho que é qualquer discurso que envolva insultos, alguns tipos de humilhação, para inferiorizar.” (TC21031997)

“Na minha opinião, o discurso de ódio é uma tentativa, de inferiorizar o outro para o fragilizar.” (CB03011994)

“O discurso de ódio, para mim, é todo aquele que fere o outro através de palavras que têm a intenção de ferir, de humilhar e de inferiorizar o outro.” (JM24051993)

“Considero que o discurso de ódio é toda a prática que leve à inferiorização de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, com base num qualquer aspeto que o distinga dos demais.” (RM07041996)

Relativamente ao quarto código, “incitação de violência e ódio para com o outro” seguem-se alguns registos do mesmo como ilustração:

“Discurso de ódio é quando são manifestadas ideias que levam ou incitam qualquer tipo de violência, de discriminação para com o outro devido a uma característica sua.” (BN21061992)

“Para mim o discurso de ódio é qualquer prática que estimula ódio e violência para com um dado alvo (...)” (JO08111997)

“(...) É um ato de violência gratuita e de discriminação que pretende ofender uma ou várias pessoas.” (AS15041999)

Apesar das várias definições que possam ser encontradas ao pesquisar por literatura, os resultados focam-se em torno do que foi, de um modo geral, argumentado pelas pessoas entrevistadas, no sentido em que o discurso de ódio pretende estabelecer a desigualdade diante a diversidade humana (Valadares & Almeida, 2018) e pode ser entendido como manifestações discriminatórias que têm por objetivo inferiorizar, desumanizar, e incitar à violência a determinadas pessoas que por normas se encontram em desvantagem e vulnerabilidade social (Ferrari s/d; Sarmento, 2006), através de elementos pejorativos e critérios ilegítimos, relacionados à ideias de inferioridade (MacAvaney et al., 2019)

Para melhor ilustrar o tema “perceções sobre o conceito de discurso de ódio”, apresenta-se na figura 1 o mapa deste tema com o seu subtema e códigos.

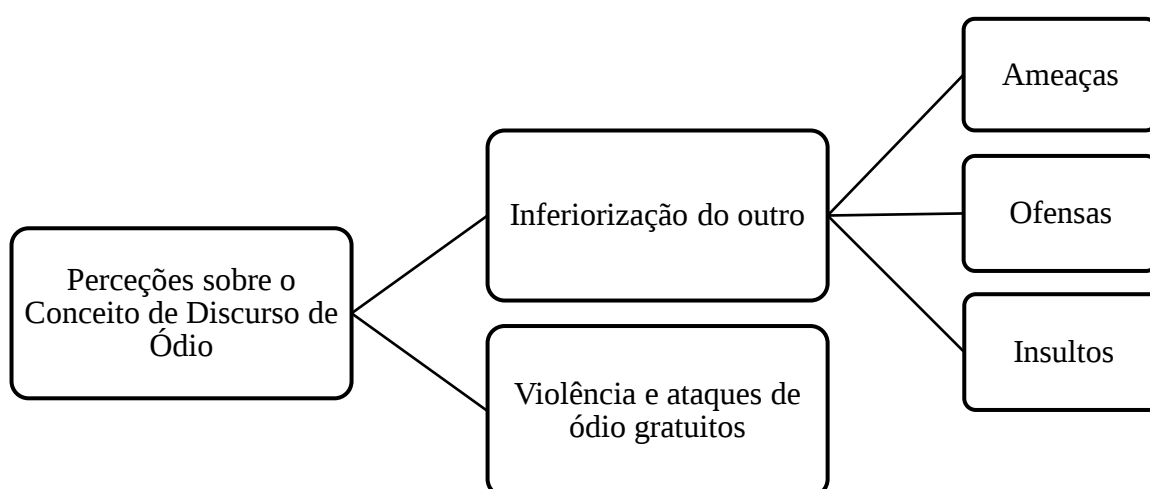


Figura 1- Mapa do Tema "Percepções sobre o Conceito de Discurso de Ódio"

3.2. Propagação do discurso de ódio

O segundo tema a surgir dos dados nesta análise diz respeito à “propagação do discurso de ódio” e está relacionado com o emissor e o recetor da mesma e se este último partilha o ataque com alguém, bem como a forma em que o discurso é dirigido, pelo que deste vão surgir sete códigos e dois subtemas. Assim, o código “desconhecidos”, “conhecidos” e “figuras públicas” constituem o subtema “emissor do discurso de ódio homotransfóbico”, os códigos “própria pessoa” e “outras pessoas LGBT” completam o último subtema “recetor do discurso de ódio homotransfóbico”, restando os códigos “partilha do discurso de ódio homotransfóbico” e “conteúdo do discurso de ódio homotransfóbico”.

Relativamente ao código “desconhecidos” todas as pessoas coincidiram na sua resposta uma vez que todas referiram que os momentos em que sofreram com o discurso de ódio este tinha sido proferido por alguém que não conheciam e algumas suspeitavam até que, em alguns casos, se pudesse tratar de perfis falsos, o que é corroborado pela literatura quando é referido que a grande maioria dos/as perpetradores/as de discurso de ódio homotransfóbico esconde por trás de um perfil falso para destilar ódio (Andrade & Pischetola, 2016; Berecz & Devinat, 2017; Silva et al., 2020). Duas pessoas, acrescentam, também, o discurso de ódio proliferado por figuras conhecidas e uma por pessoas conhecidas, finalizando, assim, os dois códigos restantes do primeiro subtema “emissor”.

Quanto ao segundo subtema é consensual que o alvo do discurso de ódio é sempre a própria pessoa ou as pessoas entrevistadas assistem a algum momento em que uma outra pessoa LGBT é a lesada do discurso de ódio homotransfóbico. Por fim, relativamente ao código “partilha do discurso de ódio homotransfóbico” todas as pessoas partilham com alguém esse episódio, especialmente com um grupo de amigos/as com quem se sentem à vontade e sabe da sua orientação sexual e quanto ao “conteúdo do discurso de ódio homotransfóbico” todas as pessoas referiram que se deparavam constantemente com mensagens de texto, sendo o mais frequente, em comentários a determinada publicação.

Como ilustração do código “desconhecidos” seguem-se alguns registos:

“Maioritariamente foram por perfis que eu não conhecia.” (JO08111997)

“(...) de resto é tudo de pessoas que não conheço, até me arrisco a dizer que muitos são perfis falsos.” (JM24051993)

“São sempre pessoas que desconheço, sendo que algumas até parecem ter perfis falsos.” (AS15041999)

“Não faço ideia de quem eram as pessoas.” (TC21031997);

“Os exemplos anteriores que referi foram, na sua grande maioria proferidos por desconhecidos.” (RM07041996)

“Aconteceu poucas vezes mas era sempre por parte de uma pessoa desconhecida.” (BN21061992)

“Era algum perfil falso, de certeza, eu não conhecia.” (CB03011994)

Como ilustração do código “conhecidos” seguem-se alguns registos:

“Maioritariamente foram desconhecidos, no entanto houve um episódio em que foram pessoas conhecidas a chamar-me nomes, não só a mim mas a amigos meus também que estavam presentes na fotografia que partilhei.” (MR09061997)

Como ilustração do código “figuras públicas” seguem-se alguns registos:

“Num outro discurso, ainda mais recente, temos o exemplo do já não psicólogo Quintino Aires, que se pronunciou abertamente homofóbico contra as lutas e os corpos queer.» (JO08111997);

“Mas é fácil arranjar casos concretos com figuras mediáticas. Assim de repente basta pensar no deputado André Ventura e em qualquer palavra que possa ter proferido ou se quisermos ir a águas internacionais no discurso infeliz do atual presidente do Brasil, o Bolsonaro.” (RM07041996)

Como ilustração seguem-se alguns registos do código “conteúdo do discurso de ódio homotransfóbico”:

“São sempre mensagens de textos com os insultos como estes que estive a relatar e muitos outros que nem me recordo.” (JM24051993)

“Esses discursos traduziram-se maioritariamente em mensagens de texto.» (JO08111997)

“Maioritariamente o que vejo são comentários escritos a dizer que “essas pessoas deviam morrer.” (AS15041999)

No que ao conteúdo do discurso de ódio diz respeito, é de salientar que o mesmo ultrapassa a dimensão do verbal, pelo que, principalmente num contexto como o *online*, este também se pode manifestar através do uso de texto, normalmente na forma de comentário, e imagens (Pereira, 2021), daí que as 8 pessoas entrevistadas tenham referido deparar-se com o discurso de ódio homotransfóbico em contexto *online* sob a forma de texto.

De forma a conseguir ilustrar o tema “Propagação do Discurso de Ódio Homotransfóbico”, apresenta-se na figura 2 o mapa deste tema com os seus subtemas e códigos.

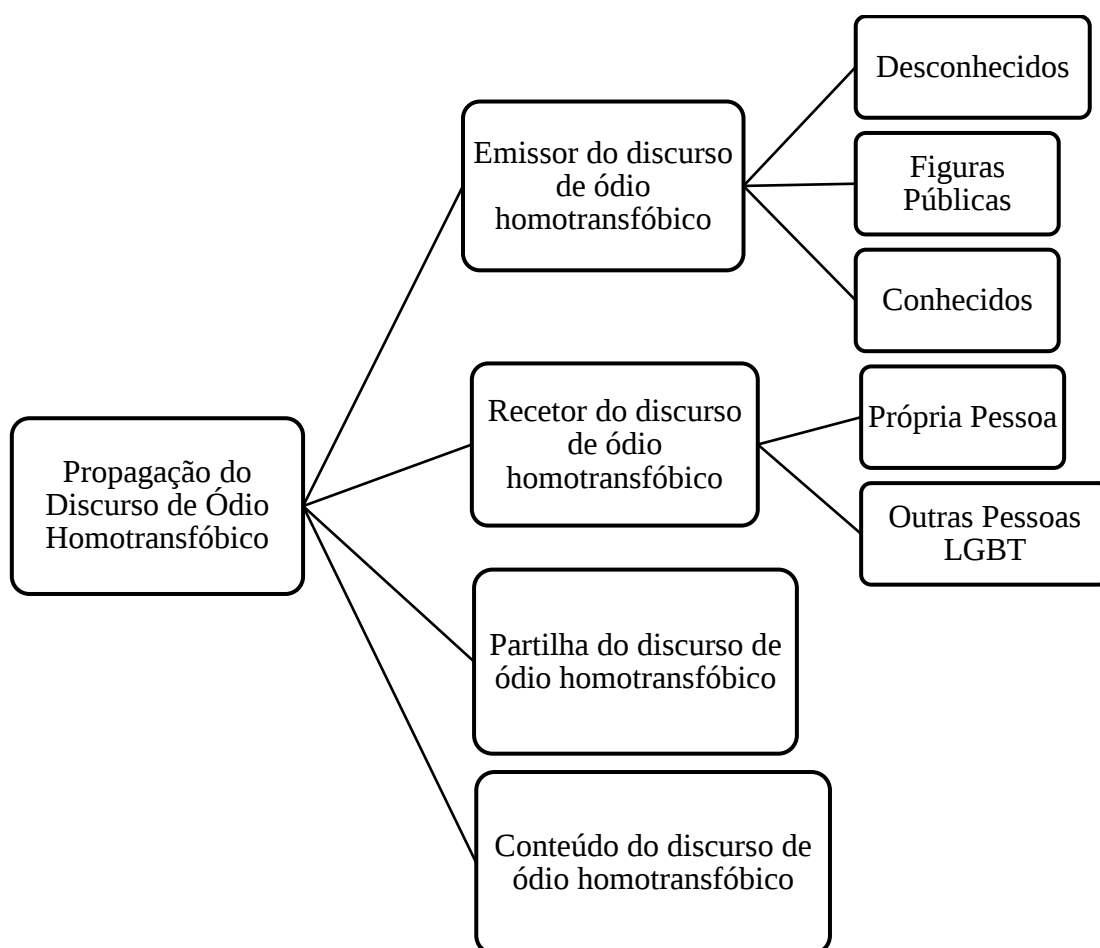


Figura 2- Mapa do tema "Propagação do Discurso de Ódio Homotransfóbico"

3.3. Consequências do discurso de ódio homotransfóbico

O terceiro e último tema prende-se com as “consequências o discurso de ódio homotransfóbico” e é composto pelos subtemas “impactos provocados pelo discurso de ódio homotransfóbico”, a “vivencia perante o discurso de ódio homotransfóbico” e os “condicionamentos do discurso de ódio homotransfóbico”.

Deste modo, quanto aos códigos, os três primeiros que constituem os “impactos provocados pelo discurso de ódio homotransfóbico em si” são a “ansiedade”, o “medo” e a “insegurança”. Os três códigos seguintes “raiva”, “tristeza” e “sem esperança” enquadram o subtema “vivencia perante o discurso de ódio homotransfóbico” e, por fim, os dois últimos códigos “gestos” e “publicações educativas” dizem respeito ao subtema “condicionamentos do discurso de ódio homotransfóbico”.

No primeiro subtema pretendia-se perceber as marcas que o discurso de ódio homotransfóbico deixa em cada um/a e também a visão de cada um/a no que às marcas deixadas pelo discurso de ódio nos outros diz respeito, ou seja, compreender se, os impactos que cada pessoa considera que existem nos outros também se verificam em si. Assim, quanto ao primeiro subtema “impactos provocados pelo discurso de ódio homotransfóbico em si” as respostas mais frequentes foram o medo, a ansiedade e a insegurança que acompanha a vida de cada pessoa entrevistada, acrescentando problemas como a depressão, ataques de pânico, problemas de autoestima e a nível académico. Todos estes problemas foram os mesmos - o isolamento social, a depressão, a ansiedade, o stress e o medo – que foram encontrados que por outros/as autores/as nas suas investigações (Hubbard, 2020; Nyman & Provozin, 2019).

Quanto ao segundo subtema “vivencia perante o discurso de ódio homotransfóbico” procura-se entender de que modo cada um/a vivencia um ataque, o que sente e o que pensa. Aqui a grande maioria expressou sentimentos de profunda incompreensão, tristeza, revolta e falta de esperança perante um grupo de pessoas que age sem qualquer tipo de fundamento.

E por fim, no terceiro subtema “condicionamentos impostos pelo discurso de ódio homotransfóbico” almeja-se compreender as implicações que o discurso de ódio impõe, mais propriamente, perceber se, devido ao discurso de ódio as pessoas entrevistadas condicionam ou condicionaram a sua vida de alguma forma. A grande maioria referiu ter condicionado a sua vida no passado evitando manifestar determinados gestos ou roupas para não ser

julgado/a e duas pessoas acrescentaram não revelar aos familiares a sua orientação sexual pelo medo da reprovação. Aqui é de salientar que duas pessoas consideraram pertinente que perante o discurso de ódio homotransfóbico influenciaram de algum modo a sua vida no sentido de tentar educar os outros através da partilha de conteúdo científico que contrariasse o que se escrevia pelas redes sociais.

Deste modo, seguem-se exemplos dos códigos (“ansiedade”, o “medo” e a “insegurança”) que constituem os “impactos provocados pelo discurso de ódio homotransfóbico em si”:

“Há, sem dúvida, imensos custos deste tipo de discursos para pessoas LGBTQ. (...) Para mim o que sempre persistiu mais foi o medo e a insegurança, o nunca saber com o que podia acontecer (...)” (JO08111997)

“Acho que estes discursos podem ter um impacto enorme nas pessoas LGBT, podendo diminuir a autoestima, desenvolver ideação suicida, causar ansiedade e depressão, vergonha e medo de serem eles próprios.” (AS15041999)

“Acho que há, sem dúvida, imensos impactos a nível da saúde mental, como a ansiedade, depressão, um medo gigante sobretudo e um sentimento de nunca se estar seguro.” (JO08111997)

“(...)Para membros jovens da comunidade é um fator particularmente gerador de ansiedade, insegurança e medo. Para quem convive a longo prazo com estes ataques e micro-ataques constantes e não desenvolve, de alguma forma, uma defesa, pode ser um trigger importante para uma falta de esperança generalizada na sociedade e no futuro, depressão e suicídio; para os que desenvolvem essa pele mais grossa, pode ser uma barreira às relações interpessoais, uma cicatriz emocional difícil de carregar, superar e/ou partilhar com alguém.” (RM07041996)

“Quanto aos custos para as pessoas LGBT acredito que haja um grande impacto a nível da saúde mental como depressões e elevados níveis de ansiedade e ataques de pânico, problemas a nível académico principalmente nos jovens mais novos e um grande impacto, também, na autoestima.” (JM24051993)

“Custos LGBT muito impacto na autoestima, acredito que seja muito difícil para os miúdos que ainda se estão a descobrir, que ainda não têm uma identidade, alguns ainda estão em processos super complexos de identidade de género e acaba por ser

muito nefasto para eles, penso que seja mesmo terrível e acaba por originar vários problemas, especialmente a nível mental como a ansiedade que poderiam ser perfeitamente evitados se não fosse esse discurso de ódio por aí espalhados nas redes sociais, especialmente agora que os miúdos nascem e já têm o TIK TOK.” (TC21031997)

Deste modo, seguem-se exemplos dos códigos (“tristeza”, a “raiva” e “sem esperança”) que constituem os “vivência do discurso de ódio homotransfóbico”:

“Para mim estes impactos inicialmente fizeram-se sentir logo nas notas da escola e na minha autoestima e mesmo mentalmente não fiquei muito bem, agora posso dizer que além de uma ligeira raiva e tristeza pouco mais me afeta.» (JM24051993)

“Irritado, com uma sensação de revolta a crescer dentro de mim. Irritado por este tipo de discursos ainda acontecer e irritado por não ter ferramentas e recursos que me permitissem mudar este tipo de discurso naquele momento, por saber que essas ferramentas e esses recursos que se têm, e que se vão criando, eles são objetos de construção morosa”. (JO08111997)

“Uns melhores que outros. (...) Lembro-me de quase explodir de raiva naquela altura. Acho que independentemente do tempo que passar haverá sempre uma incompreensão perante estas atitudes, alguma raiva e, acima de tudo, tristeza por ser esta a realidade de Portugal” (JM24051993)

“De todas as vezes que leio um comentário negativo e de ódio acerca do assunto fico bastante nervosa e triste por começo logo a sentir que não posso expressar a minha orientação sexual sem que alguém me comece a julgar e a olhar de lado.” (AS15041999)

“Sem esperança porque melhorou muita coisa... Melhorou alguma cena, ya mas quando experiencio estes atos sem fundamento... mas eles nem argumentos decentes têm, fico sem perceber porque é que há tanto ódio dentro das pessoas. Fico um pouco abismado e mesmo sem esperança na nossa sociedade porque ainda continua a haver muita coisa para ser feita”. (TC21031997)

“Com alguma incredulidade face à ignorância de um tão grande número de indivíduos e à acefalia inerente à perpetuação de noções antiquadas/falsas/infundadas que nunca são postas em causa por quem as repete.

Mas principalmente com revolta. Revolta com a falta de empatia, com o prazer que parece haver nesta forma de violência gratuita, aparentemente anónima e inconsequente... Revolta com a prepotência desses que se pensam maiores, melhores, mais dignos só porque sim.” (RM07041996)

Hilgert e Neto (2017), no seu trabalho em que se propuseram analisar os traços discursivos do discurso de ódio concluíram que um elevado numero de pessoas após se deparar com um comentário onde esteja presente um discurso de ódio tende a responder ou segue uma linha de pensamento contrária àquela que está a ser propagada por uma grande massa, ou seja, manifesta valores contrários aos que estão a ser disseminados, não sendo a favor de um aniquilamento mesmo que do outro lado se verifique o oposto, manifestando, a maior parte das vezes uma tristeza pela realidade, tal como as pessoas entrevistadas.

Para finalizar, como ilustração dos três últimos códigos “gestos” e “publicações educativas” seguem-se alguns registos dos mesmos:

“(...) tento não demonstrar no meu dia a dia a minha orientação, tentando vestir-me de forma mais feminina tendo um discurso mais ponderado em relação a certos assuntos, principalmente para não desconfiarem.” (MR09061997)

“(...) acabo por condicionar de forma inconsciente e em pequenas coisas. Acho que somos sempre afetados por alguma coisa por mais pequena que seja, infelizmente.” (TC21031997)

“(...) como sei que temos formas diferentes de reagir, de sentir, de pensar o meu comportamento também acaba por ser um pouco condicionado pela pessoa com quem estou, no sentido em que para mim pode ser natural uma manifestação de amor na rua, nem que seja um beijo, umas mãos dadas, mas para ela pode não ser e eu tenho de respeitar isso porque noutra fase da vida essa pessoa era eu.” (JM24051993)

“Mas no meu dia a dia, lembro-me muito bem de na minha última relação ter algum receio, bastante na verdade, de mostrar afeto em público porque tinha medo que as pessoas ficassem a olhar e a julgar-me a mim e à minha companheira.” (AS15041999)

“A mim o que me custa e o facto destes discursos de ódio fazerem com que eu não me sinta capaz nem segura de dizer à minha família e a outras pessoas próximas a

minha orientação sexual, pois tenho medo que reajam como certas pessoas e que não seja aceite.” (MR09061997)

“Na minha juventude condicionava sim, sem dúvida. O medo de ser apontado como diferente, quer online, quer em pessoa era uma realidade. Razão pela qual evitava alguns comportamentos que me pudessem, de alguma forma, colocar o rótulo tão temido, na altura, de “paneleiro”. Evitava ser tão expansivo como até poderia ser, tirar fotos em poses que até gostaria de fazer, em casa, ao espelho, rir demasiado alto com amigos, ter gestos demasiado femininos, descolorar o cabelo, pintar as unhas” (RM07041996)

“Atualmente, direciono o meu comportamento, no caso do contexto online, para a partilha de posts que sejam informados e que tenham no seu conteúdo evidência científica que contraponha o que eu li nos comentários. É a minha tentativa de repor alguma verdade, se assim se quiser ler.” (JO08111997)

“(…) em contexto online tento sempre dar um espaço confortável a todos para esclarecer as dúvidas, para ventilar, para desmistificar alguma da “podridão” enraizada. Só com informação se combate o preconceito, porque a ignorância é, no fundo, o combustível mais poderoso de qualquer tipo de ódio.” (RM07041996)

Relativamente ao código “gestos”, de acordo com de Sousa (2016), o que se pode verificar em vários casos de jovens que, com medo do preconceito de que podem vir a ser alvo se revelarem a sua orientação sexual, principalmente no seio familiar, é um grande sofrimento, desespero e solidão por não se poderem expressar livremente. Com algumas das pessoas entrevistadas também se verifica este medo que acarreta o sofrimento, a solidão e o desespero defendidos pelo autor

De forma a conseguir ilustrar o tema “Propagação do Discurso de Ódio Homotransfóbico”, apresenta-se na figura 3 o mapa deste tema com os seus subtemas e códigos.

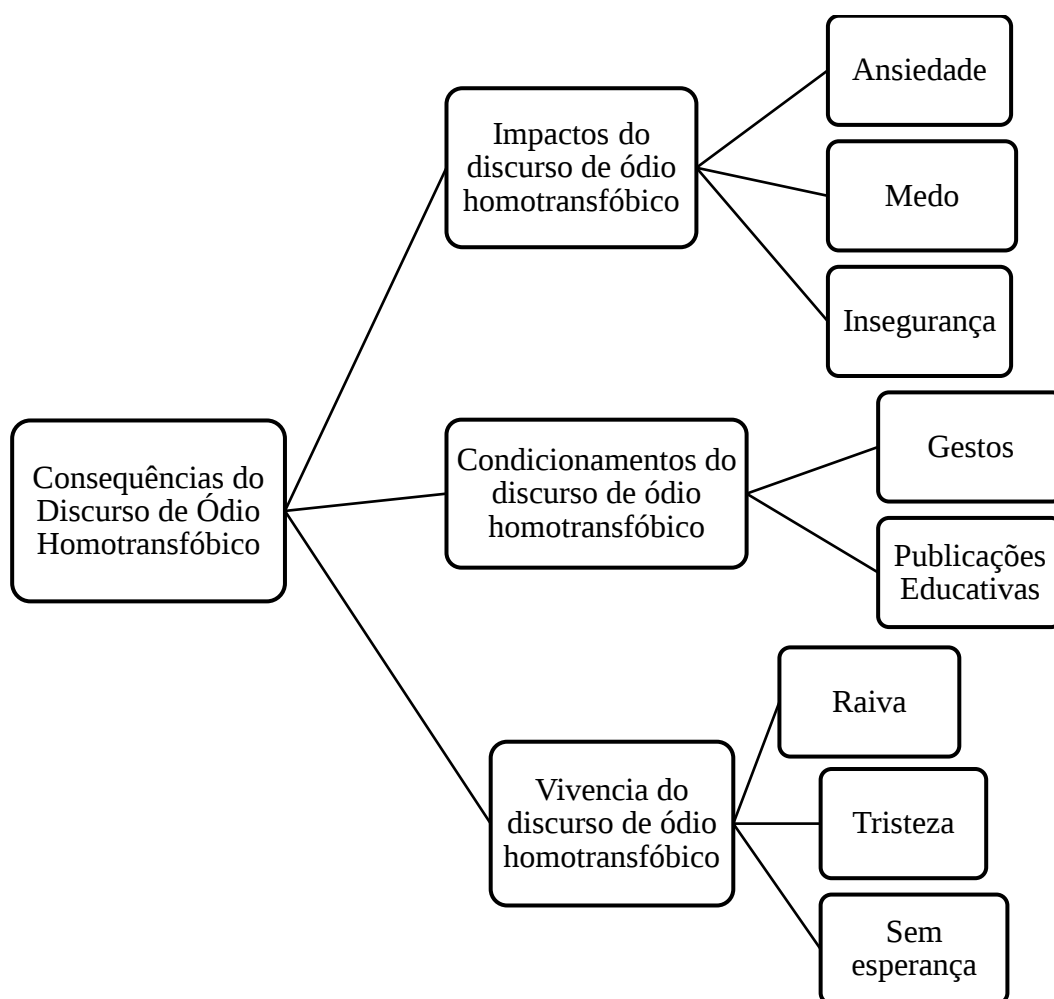


Figura 3- Mapa do tema "Após o Discurso de Ódio Homotransfóbico"

Com a elaboração de etapa a etapa da análise temática, nomeadamente a familiarização com os dados e a pesquisa de temas, foi possível ir percebendo alguns aspetos com maior foco, especialmente como cada pessoa percebia os discursos de ódio homotransfóbico, os sentimentos que o mesmo despertava em cada um e como a *internet* veio trazer uma outra dimensão e agravar um problema que já era bastante grave, principalmente numa altura em que a *internet* entra na vida das crianças num tempo antes do suposto.

De forma a sintetizar os três temas ilustrados anteriormente, segue a figura 4 que corresponde ao mapa temático:

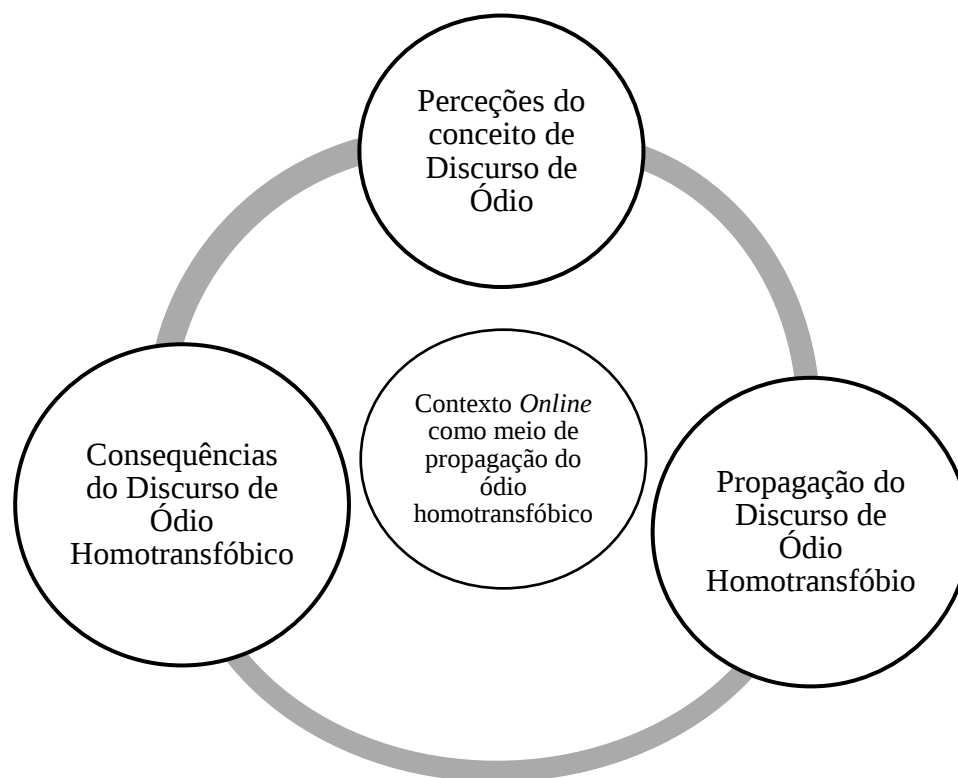


Figura 4- Mapa Temático

Conclusão e Reflexões Finais

De um modo geral, o discurso de ódio cria entraves ao desenvolvimento individual e limita as potencialidades dos indivíduos (Cazelatto & Cardin, 2017), ofende, agride a dignidade, invade a autonomia, cria sofrimento emocional, afeta o desenvolvimento pessoal das vítimas e por desrespeitar a diversidade cultural, prejudica o processo democrático (Brown, 2015).

Garantir o livre exercício da sexualidade é lutar por uma sociedade mais igualitária e pelo respeito à autonomia da vontade de cada um/a. Esta liberdade individual reveste a pessoa do livre-arbítrio, ou seja, do poder de decisão sobre a própria vida e escolhas, uma vez que não prejudicam os interesses de terceiros (Cazelatto & Cardin, 2016). Assim, a liberdade individual juntamente com a personalidade representa algumas das condições importantes para a vida humana, ou seja, cada um/a deve ter a capacidade para se exprimir como considerar melhor desde que não acarrete dano ou risco de dano evidente para os outros enquanto indivíduos e enquanto sociedade (Cardin & Cazelatto, 2017).

O respeito às diversidades existentes no ser humano constitui o fundamento de uma sociedade democrática que garante os direitos, como tal, identificando a singularidade de cada pessoa e a complexidade que disso resulta, garante-a os direitos e as condições que, de facto, são inerentes a qualquer sujeito. Assim, o reconhecimento da liberdade de um indivíduo, como o livre exercício de sua sexualidade, incluindo a liberdade à orientação sexual e a de identidade de género é um direito que deve ser assegurado e inaliável (Cazelatto & Cardin, 2016)

A partir do discurso das pessoas entrevistadas foi possível retirar algumas conclusões, relacionando-se a primeira com o conceito de discurso de ódio, dado que, todas elas possuem uma clara definição do significado de discurso de ódio, o que lhes permite identificá-lo e expressar sentimentos perante o mesmo, não esquecendo que a grande maioria, possui, atualmente, vários mecanismos e estratégias para enfrentar estes ataques, como ignorar comentários de pessoas que não conhecem e que não têm qualquer fundamento como base do que estão a escrever e muitas vezes nem sabem escrever, combatendo estes ataques com publicações cientificamente comprovadas.

Dos vários impactos que o discurso de ódio homotransfóbico apresenta, e como uma das principais conclusões desta investigação, a saúde a nível psicológico representa uma elevada percentagem, como foco especial para a ansiedade, insegurança e o medo que para além de serem provocados pelos próprios discursos de que cada pessoa é alvo, aumentam a cada episódio que acontece, a cada notícia que vem informar mais uma morte, a cada episódio partilhado, como o caso de Samuel referido inicialmente.

Quanto às consequências que o discurso de ódio homotransfóbico representa na vida de cada um/a surgem dois caminhos, ou seja, as consequências em contexto *online* que passam por uma educação através da partilha de conteúdo científico e no contexto do dia a dia de cada pessoa verifica-se que algumas das pessoas entrevistadas num passado inibiu-se de se manifestar como gostaria de modo a não sofrer de qualquer tipo de comentário depreciativo porém, atualmente, não dá importância a quem não a tem e as outras pessoas ainda se inibem de manifestar demonstrações de carinho ou de se vestir como pretende para seguir regras heteronormativas, por exemplo.

Relativamente às limitações deste trabalho a primeira prende-se com o período de pandemia que enfrentamos quase há cerca de dois anos que não permitiu a realização das entrevistas de forma presencial e trouxe impactos para todos nós, exigindo uma adaptação como nunca tinha acontecido, aliado à realização das entrevistas através da plataforma *zoom* o que pode ter gerado uma maior impessoalidade no processo de recolha de dados. Uma outra limitação prende-se com a ausência de participantes trans uma vez que não foi possível a participação de nenhum/a, possivelmente devido ao curto período de tempo em que decorreram as entrevistas.

Quanto a investigações futuras considero que seria pertinente que as crianças trans portuguesas que sofrem com os discursos de ódio fossem o foco das mesmas e se tentasse perceber a que conteúdos estão expostas, não só no contexto *online*, mas também no seu dia a dia e os impactos destas violências de modo a ser possível delinear um plano e a protegê-las porque não podem ser esquecidas principalmente numa fase tão importante da sua vida.

Uma outra investigação a ser considerada, no meu ponto de vista, seria a realização de um estudo com o intuito de entender se as pessoas mais vulneráveis, devido a condições que não apenas a sua orientação sexual como o nível socioeconómico, estão mais expostas ao discurso de ódio homotransfóbico em contexto *online* ou no seu dia a dia. Por outras palavras, tendo como base a teoria da interseccionalidade analisar de que modo

características como a raça, o local de habitação e o nível socioeconómico influenciam o discurso de que as pessoas são alvo e quais os impactos do mesmo.

A concluir este trabalho salientam-se os seus principais contributos e a sua relevância para a investigação, sinalizam-se as principais limitações e antecipam-se os futuros desenvolvimentos possíveis nesta temática de investigação. Assim, quanto aos principais contributos deste estudo relacionam-se com o contributo deste tema, que carece de bastante atenção, mais especificamente com pessoas LGBT que sofrem bastante no contexto português.

Para finalizar, é crucial parar e pensar quais podem ser as soluções para que o medo e a insegurança deixem de ser uma constante na vida de cada um/a, essencialmente num contexto como o *online* que possibilita que o discurso de ódio homotransfóbico atravesse corpos vulneráveis, que defina quem vive e quem morre, quais são humanos ou não, quando são ou não atravessados pela violência (verbal ou física) e quais importam e não importam (Pereira, 2021).

Referências Bibliográficas

- Al-Hassan, A., & Al-Dossari, H. (2019). Detection of hate speech in social networks: a survey on multilingual corpus. *Computer Science and Information Technology*. 10, 83-100. <https://doi.org/10.5121/CSIT.2019.90208>
- Andrade, M., & Pischetola, M. (2016). O discurso de ódio nas mídias sociais: a diferença como letramento midiático e informacional na aprendizagem. *Revista e-Curriculum*, 14(4). <https://www.redalyc.org/pdf/766/76649457011.pdf>
- Araújo, C. (2014). *Os discursos sociais sobre os crimes e a violência perpetrados contra pessoas LGBT nos media*. [Missertação de mestrado, ISMAI]. Repositório Científico do ISMAI. <https://repositorio.ismai.pt/handle/10400.24/308>
- Badaró, T. (2018). Criminalização do discurso de ódio e liberdade de expressão: uma análise do art. 20 da Lei 7.716/89 sob a perspectiva da teoria do bem jurídico. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, 26 (145), 153- 180.
- Silveira-Barbosa, P., & Rocha, P., M. (2018). A (re) execução de Marielle Franco a partir das lentes de O Globo no Twitter. *Revista Periódicus*, 1(10), 51-71. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/27978/17144>
- Bartolini, A. S. (2011). Diversidade Sexual e de Género na Escola. *Revista Espaço Académico (UEM)*. ano XI (123) pp. 23-37. http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/BORTOLINI_-_Diversidade_Sexual_e_de_G%C3%AAnero_na_Escola_-_Rev._Espa%C3%A7o_Acad%C3%AAmico.pdf
- Bell, J., G. & Perry, B. (2015) Outside Looking In: The Community Impacts of Anti-Lesbian, Gay, and Bisexual Hate Crime. *Journal of Homosexuality*, 62(1), 98-120, <https://doi.org/10.1080/00918369.2014.957133>
- Berecz, T., & Devinat, C. (2017). Relevance of Cyber Hate in Europe and Current Topics that Shape Online Hate Speech. *Project Research - Report - Remove: Countering Cyber Hate Phenomena*. https://www.inach.net/wp-content/uploads/FVRelevance_of_Cyber_Hate_in_Europe_and_Current_Topics_that_Shape_Online_Hate_Speech.pdf
- Boeckmann, R. J., & Liew, J. (2002). Hate speech: Asian American students' justice judgments and psychological responses. *Journal of Social Issues*, 58(2), 363-381. https://www.researchgate.net/profile/Jeffrey-Liew/publication/229620915_Hate_Speech_Asian_American_Students'_Justice

- _Judgments_and_Psychological_Responses/links/5d3166b0a6fdcc2462ebb5d8/Hate-Speech-Asian-American-Students-Justice-Judgments-and-Psychological-Responses.pdf
- Brown, A. (2015). *Hate Speech Law: A Philosophical Examination*. Routledge <https://doi.org/10.4324/9781315714899>
- Brown, A. (2017). What is hate speech? Part 1: The myth of hate. *Law and Philosophy*, 36(4), 419-468. <https://doi.org/10.1007/s10982-017-9297-1>
- Bryman, A. (2016). *Social research methods* (5th ed). Oxford University Press.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.
- Burr, V. (2015). *Social Constructionism* (3rd ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315715421>
- Cappi, J. (2017). *Internet, Big Bata e discurso de ódio: reflexões sobre as dinâmicas de interação no Twitter e os novos ambientes de debate político*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/61058195/TeseDoutoralInternetBigDataDiscursoOdio120191029-30658-15shu03-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1628283038&Signature=TMCCA3uiuC2J2Kxhulbljc1fnmONUT8d9gJ8DmPzEwmomFGOrwBd4kFTiA9QZk0AQMiCd5~j7g83-VZBdPOBga-zzKXlQ-SJrwJQ7oUMmAIAEzj5DUFjHfy0zbfKZvJOYDLZNuzA2-mMFthy-Gf4muAbQ3q0AHmzyLPoafww411QAn6ULMrs9H3loAzy-iqw6i~y3KliU1suiTh3EfSkjs4b4Dcc7D3H6zoVvRD3mrk2iOQBHx4Z7BfPy6KUIGob54cOllWJffqGiZPjCM3IVzpQ0eAc8vEnIUJn53He8Xk5-nasjLwy8g~Lkh8FO-NhGDtrxH3KfwKOkwhuWDMI3A_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA
- Cardin, V., S., G., Martins, I. G., & Rissato, G., M. (2019). Do discurso de ódio contra a liberdade sexual de pessoas LGBT. *Revista Pensamento Jurídico*, 13(1)
- Cazelatto, C., E., C., & Cardin, V., S., G. (2016). O discurso de ódio homofóbico no Brasil: Um instrumento limitador da sexualidade humana. *Revista Jurídica Cesumar*, 16(3), 919-938. <http://dx.doi.org/10.17765/2176-9184.2016v16n3p919-938>
- Cazelatto, C., E., C., & Cardin, V., S., G. (2017). Das restrições à liberdade de expressão frente à violação dos direitos das minorias sexuais pelo discurso de ódio. *Conpedi Law Review*. 3(2) 56-83

- Chetty, N., & Alathur, S. (2018). Hate speech review in the context of online social networks. *Aggression and violent behavior*, 40, 108-118.
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.05.003>
- Citron, D., K. (2014) *Crimes de ódio no ciberespaço*. Harvard University Press,
- Clarke, V., & Braun, V. (2013). Teaching thematic analysis: Overcoming challenges and developing strategies for effective learning. *The psychologist*, 26(2).
- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2021). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto* (2 ed). Penso Editora.
- Crowley, J., P. (2013). Expressive Writing to Cope with Hate Speech: Assessing Psychobiological Stress Recovery and Forgiveness Promotion for Lesbian, Gay, Bisexual, or Queer Victims of Hate Speech. *Human Communication Research*, 40(2), 238–261. <https://doi.org/10.1111/hcre.12020>
- Cruz, B. (2021/10/04). *Ex-funcionária que revelou dados internos do Facebook sai do anonimato*. TVI24. <https://tvi24.iol.pt/internacional/frances-haugen/ex-funcionaria-que-revelou-dados-internos-do-facebook-sai-do-anonimato>
- Da Silva, R., L., Martins, A., C., K., & Borchardt, C., K. (2011). Discursos de ódio em rede sociais: jurisprudência brasileira. *Revista Direito GV*. 7(2), 445- 468.
<https://doi.org/10.1590/S1808-24322011000200004>
- De Sousa, K. J. A. (2016). As diversas manifestações homofóbicas e suas consequências no cotidiano das minorias LGBT. *Revista Clóvis Moura de Humanidades*, 2(1), 27-44.
- Dias, M., B. (2004). *Conversando sobre a homoafetividade*. Livraria do Advogado.
- Dias M., B. (2011). *União homoafetiva: o preconceito & a justiça*. (5 ed). Revista dos Tribunais
- Dick, S. (2009). *Homophobic hate crimes and hate incidents*. London: Equality and Human Rights Commission.
http://www.equalityhumanrights.com/uploaded_files/research/research38_so_hatecrimes.pdf
- Feijó, V. P. C., & Gomes, D. S., C. (2018). Violação dos direitos humanos via discriminação: um panorama da violência e o viés da interseccionalidade. *Revista Digital Constituição e Garantia de Direitos*, 11(1), 277-292.
<https://periodicos.ufrn.br/constituicaoegarantiadedireitos/article/view/15201>
- Ferrari, E., F. (s/d). Limites ao Exercício da Liberdade de Expressão: O Discurso de Ódio nas Redes Sociais como incitação à Violência contra pessoas Transgênero.

https://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2021/01/elisa_ferrari.pdf

- Fredriksen-Goldsen, K. I., Hoy-Ellis, C. P., Goldsen, J., Emlet, C. A., & Hooyman, N. R. (2014). Creating a vision for the future: Key competencies and strategies for culturally competent practice with lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) older adults in the health and human services. *Journal of Gerontological Social Work*, 57(2-4), 80-107. <https://doi.org/10.1080/01634372.2014.890690>
- G1. (2020/09/23). *FacEbook, Youtube e Twitter firmam acordo com anunciantes para combater discurso de ódio*. <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/09/23/facebook-youtube-e-twitter-firmam-acordo-com-anunciantes-para-combater-discurso-de-odio.ghml>
- Hawdon, J., Oksanen, A., & Räsänen, P. (2017). Exposure to online hate in four nations: A cross-national consideration. *Deviant behavior*, 38(3), 254-266. <https://doi.org/10.1080/01639625.2016.1196985>
- Hilgert, J. G., & Neto, A. B. (2017). A irrupção do ódio na internet: traços discursivos de sua manifestação no Facebook. *Revista Desenredo*, 13(3). <http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v13i3.7429>
- Hubbard, L. (2020). Online Hate Crime Report: Challenging online homophobia, biphobia and transphobia. GALOP. https://www.report-it.org.uk/files/online-crime-2020_0.pdf
- ILGA (2020). Relatório Anual 2019: Discriminação Contra Pessoas LGBTI+. https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio/ILGA_Relatorio_Discriminacao_2019.pdf
- Keipi, T., Näsi, M., Oksanen, A., & Räsänen, P. (2016). *Online Hate and Harmful Content*. Routledge https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/22350/9781138645066_text.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Ker, J. (2018). *Veja 10 fake news criadas contra a comunidade LGBTQ*. Híbrida. <https://revistahibrida.com.br/2018/10/18/10-fake-news-sobre-a-comunidade-lgbt/>
- Lemes, G. (2016). O que é o Discurso de ódio?. In Ramos, M. M. Nicoli, P. A. G. & Brener, P. R. G. (coord.), *Gênero, Sexualidade e Direito: Uma Introdução* (pp.193-205). Initia Via Editora

- Nyman, H., & Provozin, A. (2019). *The Harmful Effects of Online and Offline Anti LGBTI Hate Speech*. Dissertação de Mestrado. Linnaeus University. DiVA Digitala Vetenskapliga Arkivet
- MacAvaney S., Yao H-R, Yang E., Russell K, Goharian N., & Frieder O. (2019). Hate speech detection: Challenges and solutions. *PLoS ONE* 14 (8): e0221152. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0221152>
- Medeiros, E., S. (2019). Necropolítica tropical em tempos pró-Bolsonaro: desafios contemporâneos de combate aos crimes de ódio LGBTfóbicos. *RECIIS*, 13(2), 287-300. <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i2.1728>
- Mendes, G., F. (2002). A Jurisdição constitucional no Brasil e seu significado para a liberdade e a igualdade. https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaArtigoDiscurso/anexo/munster_port.pdf
- Martins, P. (2021/07/07). *Samuel foi morto pelo ódio à diferença. O caso está a chocar Espanha*. Jornal de Notícias. <https://www.jn.pt/mundo/o-homicidio-de-samuel-luiz-muniz-choca-espanha-13912858.html>
- Nyman, H., & Provozin, A. (2019). *The Harmful Effects of Online and Offline Anti LGBTI Hate Speech*. [Dissertação de Mestrado. Linnaeus University]. DiVA Digitala Vetenskapliga Arkivet
- Oliveira, T., D. (2015). *Minorias sexuais e os limites da liberdade de expressão: o discurso de ódio e a segregação social dos indivíduos LGBT no Brasil*. Juruá
- Oliveira, A., L., B. (2021). *Liberdade de expressão e o discurso de ódio*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. RIUFS. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/223489>
- Paterson, J. L., Brown, R., & Walters, M. A. (2019). The short and longer term impacts of hate crimes experienced directly, indirectly, and through the media. *Personality and social psychology bulletin*, 45(7), 994-1010. <https://doi.org/10.1177/0146167218802835>
- Pedra, C. B. & Dantas, I. C. (2016). O que é a Heteronormatividade?. In Ramos, M., M., Nicoli, P. A. G. & Brener, P. R. G. (coord.), *Gênero, Sexualidade e Direito: Uma Introdução* (pp.147-152). Initia Via Editora
- Pereira, R., A. (2021). *Discursos de Ódio e apagamento LGBTI+: Violências em mídias digitais durante a pandemia da covid-19 no Brasil*. [Dissertação de Mestrado.

<http://dx.doi.org/10.22409/PPGBIOS.2021.m.12296150756>

- Platero., R., L. (2015). Entrevista a Raquel (Lucas) Platero. *BurgosDijital*. <http://burgos-dijital.blogspot.com/2015/05/entrevista-raquel-lucas-platero.html?sref=fb>
- Prado, M., A., M., & Junqueira, R., D. (2011). Homofobia, hierarquização e humilhação social. In: Venturi, G. & Bokany, V. (Orgs.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. Fundação Perseu Abramo,
- Quem, (2021/08/03). Walkyria fala de Lucas Santos: "Não era gay, se fosse, seria meu filho do mesmo jeito". <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/08/walkyria-santos-sobre-morte-do-filho-internet-esta-doente.html>
- Ramos, M. M. & Nicoli, P. A. G. (2016). O que é a LGBTfobia?. In Ramos, M. M. Nicoli, P. A. G. & Brener, P. R. G. (coord), *Gênero, Sexualidade e Direito: Uma Introdução* (pp.183-192). Initia Via Editora
- Rani, P., Suryawanshi, S., Goswami, K., Chakravarthi, B. R., Fransen, T., & McCrae, J. P. (2020). A comparative study of different state-of-the-art hate speech detection methods in Hindi-English code-mixed data. In *Proceedings of the Second Workshop on Trolling, Aggression and Cyberbullying*. pp42-48
- Ribeiro, R., D., S., Dos Santos, E., G. (2018). Restrições à liberdade de expressão e crimes cibernéticos: a tutela penal do discurso de ódio nas redes sociais. *Revista dos Tribunais*, 997, 515-541.
- Rich, A. (2006). Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In Rich, A. (Ed), *Culture, Society and Sexuality*. Routledge.
- Rodrigues, L., G., F. (2016). *Viagens Trans(Gênero) em Portugal e no Brasil: Uma Aproximação Psicológica Feminista Crítica*. Tese de Doutorado, Universidade do Porto. Repositório Aberto U.Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/87343>
- Rodrigues, L., Carneiro, N. S., & Nogueira, C. (2017). Violência transfóbica: aproximações críticas e horizontes de resistência. In *Violências de gênero*. (pp. 261-282) Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Sarmiento, D. (2006). A Liberdade de expressão e o problema do hate speech. In *Livres e Iguais: Estudos de Direito Constitucional*. Lumen Juris
- Seglow, J. (2016). Hate speech, dignity and self-respect. *Ethical Theory and Moral Practice*, 19, 1103–1116. <http://dx.doi.org/10.1007/s10677-016-9744-3>.

- Sena, G. G. D. (2019). Discurso de ódio na internet: liberdade de expressão ou prática criminosa? uma análise da criminalização do discurso de ódio. [Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Direito]. LUME Repositório Digital. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/221387/001125729.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Sennott, S. (2011). Gender Disorder as Gender Oppression: A Transfeminist Approach to Rethinking the Pathologization of Gender Non-Conformity. *Women & Therapy*, 34 (1-2), 93-113. <https://doi.org/10.1080/02703149.2010.532683>
- Sic Notícias (2020/07/02). *Boicote de centenas de anunciantes no Facebook. Zuckerberg não vai ceder no braço de ferro*. Sic Notícias. <https://sicnoticias.pt/mundo/2020-07-02-Boicote-de-centenas-de-anunciantes-no-Facebook.-Zuckerberg-nao-vai-ceder-no-braco-de-ferro>
- Silva, J. M., de Oliveira, U. M. C., & Miranda, J. D. R. (2020). Do discurso de ódio homofóbico à resistência lgbtqi+: uma análise das mensagens publicadas nas redes sociais. *REVES-Revista Relações Sociais*, 3(4).
- Silveira, R., M. (2007). Liberdade de expressão e discurso do ódio. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais]. PUCMinas. http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Direito_SilveiraRM_1.pdf
- Sindoni, M. G. (2018). Direct hate speech vs. indirect fear speech. A multimodal critical discourse analysis of the SuŽ s editorial "1 in 5 Brit Muslim“ sympathy for jihadis". *Lingue e Linguaggi*, 28, 267-292.
- Stambuk, M., Milkovic M., & Maricic A. (2019). Motivation for Parenthood among LGBTIQ People in Croatia: Reasons for (not) Becoming a Parent. *Revija za sociologiju*, 4 (2), 149-173. <https://doi.org/10.5613/rzs.49.2.2>
- Ștefăniță, O., & Buf, D.-M. (2021). Hate Speech in Social Media and Its Effects on the LGBT Community: A Review of the Current Research. *Romanian Journal of Communication and Public Relations*, 23(1), 47-55.
- Valadares, G., & Almeida, J., P., R. (2018). Constitucional: A LGBTfobia como resultado do discurso de ódio. In Deslandes, K. (Coord.). *Homotransfobia e direitos sexuais: debates e embates contemporâneos* (pp. 53-66). Autêntica Editora.
- Van Mill, D. (2017). Getting Rid of Hate Speech. In Van Mill, D. *Free Speech and the State*, (pp. 79-117). Palgrave Macmillan, Cham.

- Walters, M. A., Paterson, J., Brown, R., & McDonnell, L. (2017). Hate Crimes Against Trans People: Assessing Emotions, Behaviors, and Attitudes Toward Criminal Justice Agencies. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(21-22), 4583-4613. <https://doi.org/10.1177/0886260517715026>
- Walters, M., A., Paterson, J., L., & Brown, R. (2020). Group identity, empathy and shared suffering: understanding the community impacts of anti-LGBT and Islamophobic hate crimes. *International Review of Victimology*. 2(26), 143-162. <https://doi.org/10.1177/0269758019833284>
- Weber, G., N. (2008). Using to Numb the Pain: Substance Use and Abuse Among Lesbian, Gay, and Bisexual Individuals. *Journal of Mental Health Counseling*. 30(1), 31-48. <https://doi.org/10.17744/mehc.30.1.2585916185422570>

Anexos

Anexo 1: Consentimento Informado



Consentimento Informado

Eu, _____

abaixo-assinado, declaro que compreendi a explicação que me foi facultada acerca do estudo que se pretende realizar que tem como objetivo compreender o impacto que o discurso de ódio em contexto *online* tem em pessoas LGBT e para o qual é solicitada a minha participação.

Foi-me dada a oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, tendo obtido resposta satisfatória para todas elas. Fui informado/a de que tenho o direito de recusar, em qualquer altura, a minha participação neste estudo e não me foi imposto qualquer prazo para refletir sobre a minha participação neste estudo, tendo a minha reflexão demorado o tempo que entendi necessário.

Autorizo a gravação e transcrição da entrevista sendo-me garantido que o sigilo será mantido, bem como a confidencialidade acerca da minha identidade uma vez que serão usados única e exclusivamente para fins de investigação científica, de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados 2016/679 de 27 de abril de 2016 que entrou em vigor a 25 de maio de 2018 em Portugal.

Nestas condições, aceito de livre e espontânea vontade participar neste estudo através da resposta a uma entrevista.

Participante:

Investigadora:

Data: __/__/____

Anexo 2: Guião de Entrevista



Guião da Entrevista

Código: (exJO09031996)

Data: __/__/__

Antes de dar início a esta entrevista gostaria, apenas, de referir que não há respostas corretas para a mesma e pode demorar o tempo que entender.

Parte I

1. Idade
2. Orientação Sexual
3. Género/Identidade de Género
4. Estado Civil
5. Local de Residência
6. Nacionalidade
7. Situação Profissional

Parte II

1. Se por um lado vivemos tempos em que a *internet* nos aproxima, por outro esta é o canal mais apropriado para a propagação do ódio dada a facilidade com que se escreve um comentário ou publica uma imagem sem que seja necessário revelar a identidade. Assim, dado o interesse em perceber as práticas violentas que ocorrem em contexto *online* gostaria de começar esta entrevista questionando o que entende por discurso de ódio.

2. Considera que alguma vez se deparou com o discurso de ódio na *internet*? Se sim, este foi dirigido a si? Poderia falar-me um pouco mais sobre este episódio? Ou no caso de já se ter verificado mais que uma vez, poderia falar-me sobre os mesmos?
3. Quanto a esse discurso, foi proferido por quem? (Alguém da família, amigos/as, conhecidos/as, figuras públicas?)
4. Em relação ao conteúdo que foi partilhado nesses discursos, poderia contar-me um pouco sobre o mesmo? (mensagem de texto, imagens, vídeos)
5. Como vivenciou estes ataques que está a enumerar?
6. Quais os pensamentos e sentimentos que tem perante os discursos de ódio na *internet* contra pessoas LGBT? Identifica custos destes discursos para as pessoas LGBT? E para si? [impacto dos discursos de ódio].
 - 6.1 Perante estes discursos de que é alvo, condiciona o seu comportamento de alguma forma? Quer em contexto *online* quer no seu dia a dia? Se sim seria possível abordar o mesmo?
7. Tendo em conta os episódios que já experienciou e que partilhou comigo, alguma vez o/a levaram a tomar outras decisões com o intuito de evitar consequências? Se sim poderia falar-me um pouco mais sobre isso?
8. Após experienciar os ataques, ou momentos mais tarde, revelou os mesmos a alguém ou guardou para si? Poderia falar-me um pouco do que o motivou a tomar essa decisão?

Gostaria de acrescentar algo que não referiu ou ver algum ponto esclarecido que considera pertinente?

Para finalizar gostaria de referir os sentimentos que surgiram aquando da realização desta entrevista, nomeadamente se sentiu qualquer tipo de dificuldade, receio ou mau estar. Qualquer sentimento é válido e pode referir tudo o que considerar importante.

Muito obrigada pela atenção,

Catarina Anes

Anexo 3- Imagem da publicação



Anexo 4- Pedido de Colaboração



Pedido de colaboração – Entrevista

Olá! Espero que se encontre bem!

O meu nome é Catarina Anes, frequento o 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). No âmbito da minha Dissertação de Mestrado, sob a orientação científica da Professora Doutora Liliana Rodrigues, docente da mesma instituição, estou a desenvolver uma investigação sobre os discursos de ódio em contexto online

Assim, venho, por este meio, pedir a sua colaboração, para responder a uma entrevista caso se identifique como lésbica, gay, bissexual ou transexual e tenha sido confrontado com o discurso de ódio em contexto *online*. Todos os dados recolhidos no decorrer do estudo são totalmente confidenciais, com garantia de anonimato e intuito de serem usados, exclusivamente, para fins de pesquisa científica, consoante o Regulamento Geral de Proteção de Dados de 2016/679, que entrou em vigor a 25 de maio de 2018 em Portugal.

O processo ocorrerá em duas fases, sendo que na primeira será necessário preencher um formulário onde é solicitado o contacto pessoal (número de telemóvel/telefone ou e-mail), de modo que mais tarde seja possível entrar em contacto, e na segunda será realizada a entrevista através da plataforma *Zoom*, num dia e horário a definir posteriormente com uma duração de cerca de 30 minutos. Acrescento que a sua participação pode ser interrompida em qualquer momento.

Desta forma, caso se verifique que aceita participar neste estudo, segue o link com o formulário onde consta uma breve explicação introdutória que auxiliará o preenchimento do mesmo. Agradecia que, se possível, pudesse partilhá-lo de forma a alcançar um maior número de pessoas. Caso surja qualquer dúvida o seguinte e-mail estará disponível para o seu esclarecimento (up20150960@up.pt).

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc2BFOalJcQopyeeZUJdTO7JaLwMU_JtPiBjtWce2WPH9lCyQ/viewform?usp=pp_url

Muito obrigada pela atenção!

Catarina Anes

Anexo 5: formulário e link *online*

1. Consentimento Informado: *

Declaro que compreendi a explicação que me foi facultada acerca do estudo que se pretende realizar que tem como objetivo compreender o impacto que o discurso de ódio em contexto online tem em pessoas LGBT e para o qual é solicitada a minha participação.

Foi-me dada a oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, tendo obtido resposta satisfatória para todas elas. Fui informado/a de que tenho o direito de recusar, em qualquer altura, a minha participação neste estudo e não me foi imposto qualquer prazo para refletir sobre a minha participação neste estudo, tendo a minha reflexão demorado o tempo que entendi necessário.

Autorizo a gravação e transcrição da entrevista sendo-me garantido que o sigilo será mantido, bem como a confidencialidade acerca da minha identidade uma vez que serão usados única e exclusivamente para fins de investigação científica, de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados 2016/679 de 27 de abril de 2016 que entrou em vigor a 25 de maio de 2018 em Portugal.

Nestas condições, aceito de livre e espontânea vontade participar neste estudo através da resposta a uma entrevista.

☐ Sim, declaro que li, compreendi e aceito participar na entrevista

2. Código *

Texto de resposta curta

3. Endereço de e-mail *

Texto de resposta curta

4. Contacto telefónico

Texto de resposta curta